

Cientologia; UMA NOVA ÓTICA SOBRE A VIDA

L. Ron Hubbard

Índice

Nota Importante	4
É POSSÍVEL SER FELIZ?	5
A VERDADEIRA HISTÓRIA DA CIENTOLOGIA	8
DUAS REGRAS PARA UMA VIDA FELIZ	11
QUAL É O MISTÉRIO BÁSICO?	14
A BUSCA DO HOMEM PELA SUA ALMA	16
A RAZÃO DAS COISAS	18
O QUE É CIENTOLOGIA	21
AS CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA	24
A CRIATIVIDADE DA MULHER	25
MITOS DA MENTE	26
COMO VIVER COM CRIANÇAS	28
DO CASAMENTO	31
O HOMEM BEM SUCEDIDO	33
DA MORTE DO ESTADO DE CONSCIÊNCIA	35
ÊNFASE NA CAPACIDADE	38
AS PESSOAS HONESTAS TAMBÉM TÊM DIREITOS	40
NÍVEL DE ACEITAÇÃO	42
CONFRONTO	43
DA ORDEM	46
DO CARÁCTER HUMANO	47
PASSADO, PRESENTE E FUTURO	50
JOGAR O JOGO	52
LIBERDADE VERSUS ARMADILHA	54
JUSTIÇA	57
OS VOCABULÁRIOS DA CIÊNCIA	59
COMO ESTUDAR UMA CIÊNCIA	61
A MENTE HUMANA	66
OS REGISTOS DA MENTE SÃO PERMANENTES	70
COMUNICAÇÃO	72

"A mente humana
é capaz de resolver o problema
da mente humana." – LRH.

Nota Importante

Ao estudar Cientologia tenha a certeza absoluta de jamais ultrapassar uma palavra que não compreenda inteiramente.

A única razão de uma pessoa abandonar um estudo, tornar-se confusa ou incapaz de aprender é ter ido adiante de uma palavra que não foi compreendida.

Se o material se tornar confuso ou se não conseguir apreendê-lo, haverá logo antes uma palavra que não compreendeu. Não prossiga. Volte para ANTES do ponto em que entrou em dificuldade, encontre a palavra mal-entendida e obtenha sua definição.

É POSSÍVEL SER FELIZ?

É possível ser feliz?

Um grande número de pessoas cogita se metade de nós até mesmo existe neste moderno e apressado mundo. Com frequência um indivíduo pode ter um milhão de dólares, pode ter tudo que o seu coração aparentemente deseja, e ainda assim, ser infeliz. Tomamos o caso de alguém que trabalhou no duro toda a vida e constituiu uma grande família. Esperou por uma ocasião em que, por fim, se pôde apresentar, ser feliz e contente, tendo bastante tempo para fazer todas as coisas que queria fazer e, então, vemo-lo, após se ter aposentado, está feliz? Não. Senta-se, pensando sobre os bons tempos em que trabalhava no duro.

O principal problema da vida é felicidade, mas dir-lhe-ei mais daqui a pouco. O mundo pode ou não ser planeado para ser feliz. Pode não lhe ser possível a si ser feliz neste mundo e, no entanto, quase todos nós temos a meta de sermos felizes e contentes a respeito da vida.

Veja, nós olhamos com frequência para o mundo à nossa volta e dizemos que ninguém poderia ser feliz neste lugar; olhamos para os pratos sujos no lava-loiça, para o carro que precisa de pintura e para o facto de precisarmos de um novo aquecedor a gás, dum casaco novo, de sapatos novos ou simplesmente gostaríamos de ter melhores sapatos; e assim, como é que alguém poderia ser feliz, quando na verdade não pode ter tudo que deseja. Ele é incapaz de fazer todas as coisas que gostaria, portanto, este ambiente não permite a uma pessoa ser tão feliz quanto poderia. Bem, vou dizer-lhe uma coisa engraçada, muitos filósofos o disseram muitas vezes, mas a verdade é que toda a felicidade que algum dia encontrar está em si.

Você recorda-se de quando tinha talvez cinco anos de idade e saiu de manhã, contemplou o dia e estava um dia muito bonito, olhou as flores e eram flores muito bonitas; vinte cinco anos mais tarde levanta-se de manhã, dá uma vista de olhos nas flores e elas estão murchas. O dia não é feliz. Bem, o que foi que mudou? Você sabe que são as mesmas flores, o mundo é o mesmo. Algo deve ter mudado. Possivelmente foi você.

Na verdade, uma criancinha colhe todo o seu "sabor" da vida do encanto que nela coloca. Acena com mão mágica e faz surgir toda a espécie de coisas interessantes na sociedade. Encontra-se aqui este homem grande, forte, bruto montando o seu corcel de ferro, para cima e para baixo e, caramba, ele gostaria de ser polícia. Sim senhor! Este garoto gostaria seguramente de ser polícia; e vinte cinco anos mais tarde, olha para aquele polícia conduzindo para cá e para lá, verifica o seu velocímetro e diz "malditos polícias!"

Bem, o que mudou aqui? O polícia mudou? Não. Apenas a atitude para com ele. A nossa atitude para com a vida faz toda a diferença no nosso viver. Você sabe que não seria preciso estudar mil livros antigos para descobrir este facto. Porém, às vezes é preciso ser de novo indicado que a vida não muda tanto quanto você.

Uma vez, talvez, você pensou em casar-se, ter uma boa casa e uma boa família; tudo seria simplesmente ótimo. O marido viria para casa, poria o jantar na mesa e todos estariam felizes; depois casou e isso não deu muito certo. De um modo ou de outro, ele chega tarde após discussão com o chefe, e não se sente

bem. Ele não quer ir ao cinema e, de qualquer maneira não vê como você tem sempre que fazer, afinal de contas fica sentada em casa todo o dia sem fazer nada, e você sabe que ele também não faz nada. Ele desaparece de casa. Foi-se. Depois volta mais tarde, à noite, e pode seguir-se uma boa discussão sobre isto. Na realidade, ambos trabalham duramente. Ora o que fazemos numa condição como esta? Despedaçamos simplesmente o casamento? Entramos num pugilato pela casa fora? Ou atiramos com os filhos para o caixote do lixo? Ou vamos para a casa da mãe? Ou fazemos o quê?

Bem, há muitas coisas que podíamos fazer, mas, no mínimo, damos uma vista de olhos no ambiente. Olhar apenas à volta e dizer: "Onde estou? O que faço aqui?" E aí, uma vez tendo descoberto onde está, bem, tente descobrir como tornar aquilo um pouco mais habitável. No dia em que paramos de construir nosso próprio ambiente, quando se deixa de construir as nossas próprias imediações, quando paramos de agitar uma mão mágica e dotar de graça tudo à nossa volta com magia e beleza, as coisas deixam de ser mágicas, deixam de ser belas.

Outras pessoas procuram a felicidade de várias maneiras. Procuram-na freneticamente como se fosse alguma espécie de mecanismo existente, talvez alguma maquinazinha, talvez ela esteja na próxima esquina ou talvez nalgum outro lugar. Procuram algo, mas o que é estranho é que a única vez que encontram algo foi quando a já tinham lá colocado primeiro. Agora, isto não parece muito plausível, mas é bem verdadeiro. As pessoas que se tornam infelizes a respeito da vida, são infelizes única e simplesmente porque a vida deixou de ser feita por elas. Aqui temos a simples diferença num ser humano. Temos aqui um ser humano infeliz, desgraçado, e não indo bem na vida, doente, que não vê o esplendor da luz. A vida está a manipulá-lo, a dirigi-lo, a mudá-lo, a moldá-lo.

E aqui temos alguém feliz, contente, forte, que acha agradável a maioria das coisas; e que descobrimos nós nesta pessoa? Descobrimos que está a fazer a vida, e existe verdadeiramente uma única diferença: você está a fazer a vida ou a vida está a fazê-lo a si?

Verifique isto cuidadosamente e descobrirá que uma pessoa deixou de fazer a vida porque ela mesma decidiu que a vida não pode ser feita. Algum fracasso, algum pequeno fracasso, talvez não se ter formado com a mesma classe, ou talvez tal fracasso tenha a ver com o facto de não ter casado com o primeiro Homem ou mulher que apareceu e parecia tão desejável, ou talvez a perda dum carro, ou apenas uma pequena coisa da vida desse início a esta atitude. Um dia a pessoa olhou à volta e disse: "Bem, perdi", e depois disso a vida molda-a, ela já não faz a vida.

Agora, isto seria uma situação muito crítica se não se pudesse fazer nada, mas o facto é que este é o mais fácil de todos os problemas com que o Homem se defronta; mudar-se a si mesmo e as atitudes daqueles à sua volta. É muitíssimo fácil mudar a atitude de outra pessoa, contudo você é totalmente dependente das atitudes dos outros; a atitude de alguém para consigo pode favorecer ou prejudicar a sua vida. Já lhe ocorreu que o seu lar se mantém unido devido à atitude que a outra pessoa tem para consigo? Desse modo há aqui realmente dois problemas, você teria de mudar duas atitudes. Uma: a sua atitude para com alguém, e outra: a atitude das pessoas para consigo. Bom, existem maneiras de fazer isto? Sim, felizmente existem.

Durante muitos e muitos séculos o Homem tem desejado saber como mudar a mente, as suas próprias condições e dos seus semelhantes. Na verdade, o Homem tinha uma inclinação acumulada para fazer isto até há relativamente

poucos anos atrás. Entretanto, estamos a tornar este mundo muito acelerado; estamos a tornar este mundo num mundo em que a magia é capaz de ocorrer a qualquer momento, e tem ocorrido.

O Homem compreende agora uma grande quantidade de coisas sobre o universo em que vive e que nunca entendeu antes. Entre as coisas que compreende agora está a mente humana. A mente humana não é um problema insolúvel. A psicologia do século dezanove não resolveu o problema, porém isso não significa que este não tenha sido já resolvido.

Nos tempos modernos, os milagres mais interessantes estão a acontecer por todo este país e outros continentes da terra. De que consistem estes milagres? Das pessoas se tornarem boas quando estavam doentes incuráveis. De pessoas infelizes se tornarem felizes uma vez mais. De eliminar o perigo inerente a muitas das doenças e muitas das condições do Homem. Porém, a resposta tem sido sempre com o Homem. O Homem tem sido capaz de buscar e encontrar esta resposta, portanto, talvez o próprio Homem tenha que mudar. Talvez tenha que ter vindo até aos tempos modernos para descobrir que o universo físico não era composto de demónios e fantasmas, para sobreviver às suas superstições, para sobreviver à ignorância dos seus antepassados. Talvez tivesse de fazer tudo, incluindo inventar a bomba atómica, antes de finalmente poder encontrar-se a si próprio.

Bem, ele agora domina muito bem o universo físico. O universo físico não é mais um problema para ele, pode fazer muitas coisas com ele; e tendo conquistado isso, pode agora conquistar-se a si mesmo. A verdade é que ele já se conquistou a si próprio. A ciência da Cientologia surgiu devido ao aumento do conhecimento da energia pelo Homem. O Homem entrou na posse de mais informação sobre energia do que antes em toda a sua história; e no meio disso entrou de posse de informação sobre a energia que é a sua própria mente. O corpo é um mecanismo de energia. Naturalmente, uma pessoa que não pode lidar com energia, não poderia lidar com um corpo. Ficaria cansado, ficaria perturbado, ficaria infeliz e olharia à sua volta encontrando nada mais do que energia. Se soubesse muito de energia, particularmente a sua própria energia, o e do espaço que o rodeia, certamente se conheceria a si próprio, e isso na essência, tem sido sua meta durante muitos milhares de anos: conhecer-se a si próprio.

A Cientologia tornou possível a ele conseguir isto.

A VERDADEIRA HISTÓRIA DA CIENTOLOGIA

A verdadeira história da Cientologia é simples, concisa e direta. Conta-se rapidamente:

1. Um filósofo desenvolve uma filosofia a respeito da vida e da morte.
2. As pessoas acham-na interessante;
3. Elas descobriram que ela funciona;
4. Passaram-na para outros;
5. Ela cresce.

Quando examinamos este relato extremamente exato e muito breve, vemos que têm que existir na nossa civilização alguns elementos muito perturbadores para se acreditar em qualquer outra coisa a respeito da Cientologia.

Estes elementos perturbadores são os Mercadores do Caos. Dedicam-se à confusão e transtorno. O seu pão de cada dia é feito da criação de caos. Se o caos fosse diminuído, os seus rendimentos também.

O político, o repórter, o médico, o fabricante de drogas, o militarista e o fabricante de armas, a polícia e o agente funerário, para nomear os líderes da lista, engordam unicamente com base no “ambiente perigoso”. Até indivíduos e membros da família podem ser Mercadores do Caos.

É do interesse deles fazer o ambiente parecer tão ameaçador quanto possível, pois só assim eles podem ter lucro. Os seus rendimentos, força e poder sobem na proporção direta da ameaça que podem injetar na vizinhança das pessoas. Com essa ameaça podem extorquir receitas, apropriações, mais circulação e recompensas sem qualquer dúvida. Estes são os Mercadores do Caos. Se não gerassem, comprassem e vendessem o caos, ficariam, pensam eles, pobres.

Por exemplo, falamos levianamente em “boa imprensa”. Existe tal coisa hoje em dia? Passe os olhos num jornal. Há alguma coisa boa na página da frente? Em lugar disso, há assassinato e morte, discordância e catástrofe. E até isso, mau como é, é sensacionalizado e feito parecer pior.

Esta é a produção, a sangue frio, de um “ambiente perigoso”. As pessoas não precisam destas notícias; e se precisassem, precisariam também dos factos e não da perturbação. Mas atingindo uma pessoa com suficiente dureza, pode-se fazê-la soltar dinheiro. Essa é a fórmula básica da extorsão. É desse modo que os jornais são vendidos. O impacto prende-lhes a atenção.

Um jornal tem de ter caos e confusão. As “notícias” têm de ter “conflito”. Portanto, não existe boa imprensa, mas apenas má imprensa a respeito de tudo. Suspirar pela “boa imprensa” é imprudente numa sociedade em que reinam os Mercadores do Caos.

Veja o que tem de ser feito à verdadeira história da Cientologia a fim de “torná-la notícia” pelos modernos padrões da imprensa. É preciso injetar conflito onde não existe. Portanto, a imprensa tem de inventar perturbação e conflito.

Tomemos a primeira linha. Como se faz conflito dela?

N.º 1. Um filósofo desenvolve uma filosofia a respeito da vida e da morte.

Os Mercadores do Caos têm de aqui injetar um ou diversos conflitos possíveis. Ele não é doutor em filosofia é o que eles têm que afirmar. Nunca são suficientemente audaciosos para dizer que não é uma filosofia. Mas podem e continuam interminavelmente, pois seu propósito os compele, a esforçar-se para invalidar a identidade da pessoa que a desenvolveu.

Na realidade, quem desenvolveu a filosofia estava muito bem alicerçado em assuntos académicos e na humanística, provavelmente melhor fundamentado apenas em filosofia formal do que os professores de filosofia das universidades.

O esforço de um só Homem é incrível em termos de horas de estudo e pesquisa, e não há memória de o recorde ser aproximado, porém isto jamais seria considerado digno de notícia. Escrever o simples facto de um filósofo ter desenvolvido uma filosofia, não é o tipo de notícia de jornal e não iria perturbar o ambiente. Daí, as elaboradas notícias de ficção a respeito do N.º 1 acima.

Depois, tome a segunda parte da história verdadeira. As pessoas acham-na interessante. Seria muito estranho se não o fizessem, pois todos fazem estas perguntas, procurando respostas para a sua condição-de-ser, e a verdade básica das respostas é observável nas conclusões da Cientologia.

Depois, para fazer disto "noticia", terá de ser perturbador. As pessoas são vistas como sequestradas, ou hipnotizadas e arrastadas como vítimas relutantes para lerem os livros do escritor.

O Mercado do Caos deixa o N.º 3 completamente em paz. É terreno perigoso para ele. As pessoas descobrem que ela funciona. Nenhum indício de funcionamento jamais seria ligado à Cientologia pela imprensa, embora não haja dúvida na mente da imprensa que, de facto funciona. É por isso que é perigosa. Acalma o ambiente. Assim sendo, qualquer tempo gasto em tentar convencer a imprensa de que a Cientologia funciona é tempo empregado a perturbar um repórter.

Sobre o N.º 4, as pessoas passaram-na para outros, a imprensa sente-se traída. "ninguém deve acreditar em coisa alguma que não lê nos jornais. Como é que a palavra boca a boca ousa existir?". Assim, para tentar impedir as pessoas de ouvir, o Mercador do Caos tem de usar palavras como "culto". Trata-se de um "grupo fechado", enquanto que a Cientologia é o grupo mais aberto da terra a qualquer pessoa. E eles têm de atacar organizações e a sua gente para tentar manter as pessoas fora da Cientologia.

Agora, quanto ao N.º 5, Ela cresce, temos a verdadeira objeção,

À medida em que a verdade vai em frente, as mentiras morrem. O aniquilamento das mentiras é um ato que tira o pão da boca do Mercador do Caos. A menos que possa mentir com negligência selvagem sobre "quanto tudo é mau", pensa que morrerá de fome.

O mundo simplesmente não deve ser um lugar melhor, de acordo com o Mercador do Caos. Se as pessoas fossem menos perturbadas, menos deprimidas pelo ambiente, não haveria novas verbas para a polícia, exércitos, grandes foguetes, e não haveria nem uns tostões para uma imprensa gritante e sensacional.

Enquanto se promoverem políticos com escândalo, a polícia obtiver mais paga por mais crime, os médicos ficarem mais gordos com mais doença, existirão Mercadores do Caos. Eles são pagos para isso.

E a sua ameaça é a simples história da Cientologia. Pois essa é a história verdadeira. E por trás do seu progresso, há um ambiente mais calmo no qual o

Homem pode viver e sentir-se melhor. Se não acreditar nisto, pare de ler jornais durante duas semanas e verá que se sente melhor. Suponha que tinha todas essas perturbações sanadas?

É pena que, certamente, até o Mercador do Caos precise de nós, não para engordar, mas só para ele próprio viver como um ser.

Assim, a verdadeira história da Cientologia é uma história simples.

É verdadeira demais para ser posta de lado.

DUAS REGRAS PARA UMA VIDA FELIZ

1. Ser capaz experimentar (suportar) qualquer coisa.
2. Causar somente as coisas que os outros podem experimentar (suportar) facilmente.

O Homem tem tido muitas regras de ouro. A regra Budista de "fazer aos outros aquilo que gostaria que os outros lhe fizessem a si" tem sido repetida com frequência noutras religiões. Porém, tais regras de ouro, embora tenham servido para elevar o Homem acima do animal, não resultaram em sanidade, sucesso ou felicidade assegurados. Tal regra de ouro dá apenas o ponto de causa* ou, na melhor das hipóteses, o ponto de efeito reflexo**. É uma coisa feita-pela-pessoa-a-si-própria, e tende a pôr tudo numa causa obsessiva. Não oferece pensamento sobre o que fazer em relação às coisas feitas a nós por outros que não têm aquela doutrina.

Como se lida com as coisas nocivas feitas a nós? Isto não está dito na regra Budista. Resultaram daqui muitas respostas a esmo. Entre elas estão muitas respostas da ciência Cristã (efeitos na própria pessoa não existem), as respostas dos antigos Cristãos (tornar-se mártir), as respostas dos ministros Cristãos (condenar todo o pecado). Tais respostas aos efeitos criados na pessoa ocasionam um estado de espírito pouco menos do que sadio, para não dizer infeliz.

Após a casa ter ardido e a família cremada, não é de grande consolação (1) fingir que não aconteceu, (2) comparar-se a Job, ou (3) condenar todos os incendiários.

Temendo ou sofrendo os efeitos da violência, teremos violência contra nós. Quando alguém pode experimentar (suportar) exatamente o que lhe está a ser feito, ah, magia a coisa não acontece.

Como ser feliz neste universo é um problema que poucos profetas ou sábios ousaram contemplar diretamente. Encontramo-los a "lidar" com o problema da felicidade assegurando-nos de que o Homem está condenado ao sofrimento. Procuram não nos dizer como ser felizes, mas como suportarmos ser infelizes. Tal assunção negligente da impossibilidade da felicidade tem-nos levado a ignorar qualquer exame real das formas de ser feliz.

Assim, temo-nos debatido em direção a uma meta negativa: livrar-nos de toda a infelicidade sobre a Terra para termos uma Terra habitável. Se alguém procura livrar-se continuamente de algo, está continuamente a admitir que não pode confrontá-lo, e, assim sendo, foi tudo por água abaixo. A vida tornou-se uma espiral descendente de mais coisas que não poderíamos confrontar. E assim seguimos em direção à cegueira e à infelicidade.

* ponto de causa: ponto da fonte, ou ponto de emanção ou de causação; isto é, na comunicação, aquele que está a comunicar é o ponto de causa da comunicação e aquele a quem é comunicado é o ponto de efeito ou ponto de receção.

** ponto de efeito reflexo: um ponto de causa que origina uma ação causativa calculada para resultar como efeito nele próprio.

Para se ser feliz, é preciso ser capaz de confrontar, o que quer dizer experimentar as coisas que existem.

A infelicidade é apenas isto: a incapacidade de confrontar o que existe...

Daí (1) Seja capaz experimentar qualquer coisa.

O lado efeito da vida merece grande consideração. O lado auto-causado também merece exame.

Criar somente os efeitos que os outros poderiam experimentar facilmente dá-nos uma clara e nova regra de viver. É que se uma pessoa faz isto, então o que poderia ela fazer que precisasse esconder dos outros? Não há razão para esconder as suas próprias ações ou lamentá-las (a mesma coisa), se as suas ações forem facilmente experimentadas pelos outros.

Este é um teste amplo (e definição) de boa conduta: fazer apenas as coisas que os outros podem experimentar.

Se examinar a sua vida, verá que só se molesta com as ações que uma pessoa faz e que os outros não foram capazes de receber. Daí, a vida duma pessoa poder tornar-se uma miscelânea de violência contida que então puxa para si a violência que outros causaram.

Quanto mais ações que não puderam ser experimentadas por outros uma pessoa emanou, pior se tornou a sua vida. Reconhecendo que ela era uma causa má, ou que já existiam demasiadas causas más, a pessoa cessou de causar coisas, um infeliz estado de ser.

Dor, emoção má*, inconsciência, insanidade, resulta tudo de causar coisas que os outros não puderam experimentar facilmente. O fenómeno atingir/conter é a base de todas estas coisas. Quando procuramos atingir de modo a tornar impossível a outrem experimentar, então não o alcançámos, pois não? "Atingir" com um revolver uma pessoa que não está disposta a receber um tiro é não atingir a pessoa, mas sim um protesto. Nenhum mau alcance jamais alcançou. Assim, não houve comunicação e o resultado final foi uma contenção por parte da pessoa que ia atingi-la. Este atingir/conter tornou-se por fim uma incapacidade de atingir, logo, baixa comunicação, baixa realidade, baixa afinidade. A comunicação é um meio de atingir (ir até a) os outros. Então, se alguém é incapaz de atingir, a sua capacidade de comunicação é baixa; e sua realidade será baixa, pois se é incapaz de comunicar não chegará realmente a saber nada dos outros; e sabendo pouco ou nada dos outros, não têm também nenhum sentir sobre eles; assim, sua afinidade será baixa. Afinidade, realidade e comunicação funcionam articulações. Se uma dessas três é alta, as outras duas também serão. No entanto, se uma baixa, então as outras baixarão.

Assim sendo, todos os maus actos são os que não podem ser facilmente experimentados pelo ponto visado.

Sobre esta definição, passemos em revista os nossos próprios "maus actos". Quais foram maus? Apenas os que não puderam ser facilmente experimentados por outrem foram maus. Assim, que más ações favoritas da sociedade são más? Actos de violência real resultando em dor, inconsciência, insanidade e perda grave poderiam, nesta ocasião, ser considerados maus actos. Bem, que outros actos seus você considera "maus"? As coisas que você fez que, você próprio, não

* emoção má: emoção irracional, inapropriada ao ambiente ou situação de tempo presente

conseguiu experimentar facilmente, foram más. Mas as coisas feitas por você que você mesmo poderia ter experimentado se lhe fossem causadas, não foram más. Isso certamente muda a nossa visão das coisas!

Não há necessidade de levar uma vida violenta só para provar que a pode experimentar. A ideia não é provar que a podemos experimentar, mas recuperar a capacidade de a experimentar.

Desse modo, temos hoje em dia duas regras de ouro para a felicidade:

1. Ser capaz de experimentar (suportar) qualquer coisa;
2. Causar somente as coisas que os outros podem experimentar (suportar) facilmente.

A sua reação a isto diz-lhe da distância que você ainda tem de percorrer.

E se conseguir aplicar estas duas regras de ouro, será uma das pessoas mais felizes e de maior êxito deste universo, pois quem o poderia dominar com perversidade?

QUAL É O MISTÉRIO BÁSICO?

No estudo geral deste mundo e seus assuntos, descobrimos que o único modo de se fazer um escravo, como se alguém quisesse algum, seria desenvolver uma tremenda quantidade de mistério a respeito do que uma coisa é, e então desenvolver uma avassaladora carga ou energia emocional sobre a linha desse mistério. Não somente desenvolver um mistério, mas impingir-lo depois realmente bem; impingir alguma resposta falsa ao mistério.

O Homem está tão acostumado a isso que, quando você vem e coloca uma resposta perfeitamente boa nas suas mãos, ora, ele a deixa cair como uma batata quente, porque sabe todas as respostas: todas as respostas são cuidadosamente derivadas de mistérios com respostas falsas, e todos os mistérios vão causar-lhe algo, mais cedo ou mais tarde.

O desenvolvimento do próprio mistério tem origem nas relações interpessoais e do conflito geral do Homem com os seus semelhantes e o seu ambiente, e assim por diante. E o mistério básico é: quem é ele? Não há mistério mais básico do que este: "Quem é aquele sujeito ali?" Este é o início da individuação, não individualismo, mas individuação, de recuar perante todo mundo e dizer: "eu sou eu e eles são "eles" e sabe Deus o que pretendem!" Então, pouco depois, o fulano tira a coisa da esfera da quase blasfêmia e coloca-a em termos de idolatria. E diz "Bem, Deus sabe o que pretendem e irá proteger-me".

Assim, basicamente, o que temos? Temos basicamente um mistério sobre quem é o outro indivíduo. Bem, originalmente, "ciência" significava verdade e agora significa proventos da pesquisa. A ciência abandonou o mistério básico a tal ponto, que eles pensam existir um mistério sobre o que é um soalho, o que é um teto, o que é espaço. Isto é realmente um mistério muito tramado, pois aquele soalho, aquele teto e aquele espaço são o que você e eu concordamos colocar ali, e é quase tudo o que eles são.

Quando quer que tenhamos um mistério, normalmente tivemos uma discordância, mal-entendido ou condição-de-falta-de-comunicação. E, basicamente, é na verdade só isso. Um indivíduo teve de discordar de alguém para quem estava a olhar. Ele sabia disso originalmente e não quis saber quem era aquele sujeito ali. Não quis saber nada da situação, porque tinha aprendido uma lição: se comunicasse com ela, provaria o seu erro!

Desse modo, tivemos pessoas entre nós, você é uma delas, que colocariam um "isto" e diriam que é um "aquilo". E então você teria estas coisas distorcidas dum modo ou de outro, e diria: "Porque é que não comunica com isto?" e depois diria "Você comunicou com isso." Dentro em pouco o sujeito diz: "Bolas, não quero comunicar com nada disso. Que vão à fava. Que importa o que aquelas coisas são? Não quero saber." E depois disso, tramou-se. Disse "Não quero saber"; portanto tinha um mistério algures à sua frente. E foi tão longe em não querer saber que, após algum tempo, imaginou que não sabia. Depois, a partir dali, disse que é impossível saber.

Sempre que o Homem se encontra profundamente inculcado, absorto, rodeado de mistério, está na verdade em conflito consigo mesmo e só consigo. É por

isso que o processamento* funciona. A ÚNICA ABERRAÇÃO** É A NEGAÇÃO DE SI PRÓPRIO. Ninguém mais lhe pode fazer nada a si, a não ser VOCÊ. É um horrível estado de coisas. Você pode fazer algo a você, mas isso requer o seu postulado***, a sua concordância ou sua discordância, antes de alguma coisa lhe poder acontecer. Para estarem doentes as pessoas têm de concordar; têm de concordar com ser estúpidas; têm de concordar com estar em mistério.

As pessoas são vítimas de seu próprio recuo, são vítimas dos seus próprios postulados, vítimas da sua própria crença de que são inadaptadas.

Um indivíduo tem de postular a existência da sua própria aberração, do seu próprio retrocesso, da sua própria má sorte.

* processamento: a aplicação da tecnologia da Cientologia a um indivíduo, com o fim de o ajudar a descobrir coisas a seu respeito. Esta aplicação é feita por um Auditor, alguém que escuta; a tecnologia da aplicação, assim como a tecnologia aplicada, são muito exatas.

** aberração: qualquer desvio da racionalidade

*** postulado: uma conclusão, decisão ou resolução feita pelo próprio indivíduo

A BUSCA DO HOMEM PELA SUA ALMA

Durante incontáveis eras do passado o Homem tem estado empenhado nessa busca.

Todos os pensadores de todas as épocas contribuíram para isso com a sua opinião e considerações. Nenhum cientista, filósofo ou líder deixou de o comentar. Bilhões de Homens morreram por uma opinião ou outra, sobre o objeto desta busca, e nenhuma civilização, poderosa ou pobre, nos tempos antigos ou modernos, resistiu sem batalhar por conta disso.

A alma humana, para o civilizado assim como para o bárbaro, tem sido fonte infundável de interesse, atenção, ódio ou adoração.

Dizer que encontrei a resposta para todos os enigmas da alma seria inexato e presunçoso. Não levar em conta o que consegui saber e deixar de o fazer saber após observar seus benefícios, seria um pecado de omissão contra o Homem.

Após trinta e um anos de indagação e pensamento, e depois de quinze anos de atividade pública em que observei o material em funcionamento e seus resultados, posso anunciar que, no conhecimento que desenvolvi, deve residir a resposta desse mistério, desse enigma, desse problema, a alma humana, pois nas minhas mãos e de outros, tenho visto o que de melhor há no Homem ser reabilitado.

A partir do momento em que pela primeira vez fiz um "claro de teta*", com alguma relutância, tenho estado fora e além de qualquer esfera do que é cientificamente conhecido; e agora que eu próprio tornei claros meia centena, e treinei auditores** que têm conseguido números muitas vezes maiores, tenho que encarar o facto de ter alcançado o ponto de fusão entre a religião e a ciência, e devemos agora deixar de fingir que estamos a lidar apenas com metas materiais.

Não podemos tratar do domínio da alma humana e ignorar o facto. O Homem tem perseguido tempo demais esta busca, para a sua feliz culminância ser aqui abafada por termos vagos e científicos.

A religião, e não a ciência, tem feito esta busca, esta guerra, milénios afora. A ciência, só faltou engolir o Homem com uma ideologia que nega a alma, um sintoma do fracasso da ciência nessa busca.

Não podemos agora jogar o papel de traidor dos Homens de Deus que procuraram em épocas passadas tirar o Homem da escuridão.

* Theta clear: um indivíduo que, em processamento de Cientologia, atingiu a certeza da sua identidade como ser, separada da do corpo. Os termos claro (limpo), clarificação (limpeza), etc., foram originalmente postos em uso por analogia com uma máquina de somar. Se alguns números antes introduzidos se mantêm na máquina, somando uma coluna de novos números chegamos a resultados errados. Se esses números (anteriores) são limpos, chegamos a resultados corretos. A aberração assemelha-se aos números anteriores: Daí o termo clarificação (limpeza), e um claro de Cientologia é uma pessoa que foi clarificada (limpa) das aberrações e atingiu um nível extremamente elevado de liberdade e capacidade espiritual.

** Auditores: pessoas que aplicam a tecnologia da Cientologia a outro indivíduo) Auditor significa alguém que escuta

Nós, na Cientologia, pertencemos às fileiras dos que buscam a verdade, não à retaguarda dos fabricantes da bomba atômica.

Entretanto a ciência também tem tido um papel nesse esforço; e a física nuclear, seja qual for o seu crime contra o Homem, pode ainda ser redimida por ter ajudado a encontrar para o Homem a alma, da qual a ciência quase o privou.

Nenhum auditor pode facilmente fechar os olhos aos resultados que alcança hoje em dia, ou deixar de ver como são superiores aos das tecnologias materialistas por ele usadas anteriormente. É que, com todas as outras coisas que sabemos, podemos perceber que a alma humana, livre, é o único agente terapêutico eficaz que temos. Mas as nossas metas, sem considerar os milagres de hoje em relação aos corpos, são mais do que a saúde física e melhorar os homens.

A Cientologia é a ciência de saber como saber. Tem-nos ensinado que um Homem É sua própria alma imortal. E deixa-nos poucas alternativas a anunciar ao mundo, não importa como ele o receber, que a física nuclear e a religião juntaram as mãos, e nós, na Cientologia, realizamos estes milagres, milagres a que, através de toda sua busca, o Homem tem aspirado.

O indivíduo pode odiar a Deus ou desprezar os secretores. Não pode, no entanto, ignorar a evidência de que ele é a sua própria alma. Desse modo, resolvemos o nosso enigma e achamos a resposta simples.

A RAZÃO DAS COISAS

A vida pode ser mais bem compreendida comparando-a a um jogo. Visto estarmos de fora de um grande número de jogos, podemos observá-los com objetividade. Se estivéssemos exteriores à vida, ela teria para nós o mesmo aspeto dos jogos uma vez observados do nosso ponto de vista.

A despeito da quantidade de sofrimento, dor, tristeza e labuta que pode existir na vida, a razão da existência é a mesma que temos para jogar um jogo: interesse, competição, atividade e posse. A verdade desta asserção é estabelecida pela observação dos elementos dos jogos aplicando-os então à própria vida. Quando fazemos isto, vemos que não falta nada ao panorama da vida.

Por jogo queremos dizer competição de uma pessoa contra outra pessoa ou equipa contra equipa. Quando dizemos jogos, referimo-nos a jogos como basebol, Pólo, xadrez ou qualquer outro desses passatempos. Pode parecer estranho que as pessoas se arrisquem a ferimentos físicos no campo de jogo por simples "divertimento". Da mesma forma, também, parece estranho que continuemos a viver ou entremos no "jogo da vida" com risco de tristeza, labuta e dor, só para ter algo para fazer. Evidentemente que não há maior desgraça do que o ócio total. Claro que existe a condição em que uma pessoa continua a jogar um jogo no qual já não está interessada.

Se você simplesmente olhar à sua volta eliminando os objetos em que não está interessado, descobrirá algo notável. Dentro em pouco verá que não há nada na sala em que você não esteja interessado. Está interessado em tudo. O próprio desinteresse é, entretanto, um dos mecanismos do jogo. Para conter algo, basta fazer com que todos se desinteressem do lugar onde o objeto está contido. O desinteresse não é um resultado imediato do interesse que se desgastou. O desinteresse, é em si, uma utilidade. É palpável, existe.

Examinados os elementos (fatores) dos jogos (competições), teremos os elementos da vida.

A vida é um jogo, e este é constituído por liberdades, barreiras e propósitos. Isto é um facto científico e não uma simples observação.

A liberdade existe entre as barreiras. Uma infinidade de barreiras ou liberdades são condições-de-não-jogo, igualmente cruéis e sem propósito.

Os grandes movimentos revolucionários fracassam. Prometem uma liberdade ilimitada, o que é o caminho para o fracasso. Somente os visionários insensatos pregam a liberdade ilimitada. Só os medrosos e ignorantes falam e insistem em barreiras ilimitadas.

Quando a relação entre liberdade e barreiras se torna demasiadamente desequilibrada, o resultado é a infelicidade.

É aceitável ser "livre de" alguma coisa, apenas desde que haja um campo onde ser livre para algo. Um desejo ilimitado de se ver livre de algo é uma perfeita armadilha, um temor de todas as coisas.

As barreiras compõem-se de ideias, espaço, energia, massas e tempo inibidores (limitadores). A liberdade, na sua plenitude, seria a ausência total destas coisas e também uma liberdade sem pensamento ou ação, uma condição infeliz de total inexistência.

Preso a excessivas barreiras, o Homem anseia pela liberdade, mas, atirado à liberdade total, torna-se sem propósito e infeliz. Entre barreiras, está a liberdade. Se ambas são conhecidas, pode haver vida, vivência, felicidade e jogo.

As restrições de um governo ou de emprego dão liberdade a um empregado. Sem restrições conhecidas, um empregado é um escravo, fadado aos medos da incerteza em todas as suas ações.

Dirigentes de empresas e de governos podem falhar de três maneiras, e assim, provocar o caos no seu sector. Podem:

1. Parecer dar liberdade ilimitada;
2. Parecer erguer barreiras ilimitadas;
3. Não definir, nem a liberdade nem as barreiras.

Portanto, a competência executiva consiste da imposição e reforço de um equilíbrio adequado entre as liberdades do seu pessoal e as barreiras do sector, bem como ser preciso e consciente dessas liberdades e barreiras. Um executivo assim, juntando-lhe iniciativa e propósito, pode ter um departamento com iniciativa e propósito.

O empregado, que aceita ou insiste ter somente liberdade, torna-se um escravo. Da posse desses factos, ele deve insistir num equilíbrio funcional entre liberdades e barreiras.

Há vários estados de espírito que trazem felicidade. O estado de espírito que insiste apenas na liberdade não traz senão infelicidade. Melhor seria desenvolver um modo de pensar que procurasse novos meios de cair em armadilhas e novos tipos de armadilhas em que cair, do que sofrer a eventual e completa prisão que é a dependência total da liberdade. O Homem disposto a aceitar restrições e barreiras, sem as temer, é livre. O Homem que nada mais faz senão lutar contra restrições e barreiras, será comumente presa de armadilhas.

Como se pode ver em qualquer jogo os propósitos ficam em oposição. Existe uma situação de "propósito/contra propósito" em quase todos os jogos realizados num campo entre duas equipas. Cada uma das equipas tem a ideia de atingir o alvo da outra. Os seus propósitos estão em guerra, e este duelo de propósitos constitui um jogo.

A guerra de propósitos dá-nos aquilo a que chamamos problemas. Um problema consiste em dois ou mais propósitos em oposição. Não importa o problema que enfrentar ou que enfrentou, a anatomia básica desse problema é sempre "propósito/contra propósito".

Nas experiências reais de Cientologia descobriu-se que a pessoa começa a ser afetada por problemas quando não os tem em quantidade suficiente. Um velho ditado (máxima) diz que se você quer que algo seja feito basta pedi-lo a uma pessoa ocupada. Da mesma maneira, se você quiser um sócio feliz, assegure-se de que ele é um Homem capaz de ter muitos problemas.

Encontramos nas famílias ricas o fenómeno de uma elevada incidência de neuroses. Essas pessoas têm pouco que fazer e muito poucos problemas. Os problemas básicos da alimentação, vestuário e abrigo já estão resolvidos para elas. Suporíamos, pois, que se fosse verdade a felicidade dessas pessoas depender apenas da sua liberdade, elas seriam felizes. Entretanto, não o são. O que é que causa a sua infelicidade? É a falta de problemas.

Infeliz é o Homem que está continuamente a pensar em como se tornar livre. Vê-se isso no funcionário que tenta constantemente evitar o trabalho. Independentemente do facto de ter uma grande quantidade de horas de lazer, ele não as aproveita. Tenta evitar o contacto com pessoas, objetos, energias e espaços. Por fim ficará preso numa espécie de letargia. Se este Homem pudesse simplesmente mudar de ideias e começar a “preocupar-se” com a maneira de conseguir mais trabalho, o seu nível de felicidade aumentaria consideravelmente. Uma pessoa que está a maquinar em como sair das coisas, será infeliz, e a que está a maquinar como participar das coisas, tem muito mais oportunidade de se tornar feliz.

Naturalmente existe a questão de ser forçado a participar de jogos nos quais não se está interessado; uma guerra para a qual se é convocado é um bom exemplo disso. Não estamos interessados nos propósitos da guerra, e, no entanto, encontramos-nos em luta. Por consequência tem que haver um elemento adicional, e este é o “poder de escolha”.

Poder-se-ia então dizer que a vida é um jogo, e que a capacidade de participar de um jogo consiste na tolerância para com a liberdade, as barreiras e o conhecimento dos propósitos, com poder de escolha a respeito da participação.

Estes quatro elementos, liberdade, barreiras, propósitos e poder de escolha, são os elementos diretores da vida. Há apenas dois fatores acima destes com eles relacionados. O primeiro é a capacidade de criar, naturalmente acompanhada do seu oposto, a capacidade de “descriar”, e o segundo é a capacidade de fazer um postulado (considerar, dizer uma coisa e fazê-la verdadeira). Este é o amplo quadro da vida e, quando se quer considerá-la e torná-la menos confusa, são usados estes elementos para sua compreensão.

O QUE É CIENTOLOGIA

Conhecimento é certeza; conhecimento não são dados. A condição-de-conhecimento é, em si, certeza. Sanidade é certeza, contando apenas que essa certeza não incida além da convicção de outrem quando a observa.

Para obter uma certeza é preciso ser capaz de observar. Mas qual o nível de certeza requerido? E qual o nível de observação requerido para existir certeza ou conhecimento?

Se um Homem pode ficar em pé diante de uma árvore e, através da visão, tato ou outra percepção saber que está a confrontar uma árvore, temos o nível de certeza requerido. Se o Homem não quiser olhar para a árvore ou, embora ela seja observadamente uma árvore para os outros, descobre que ela é um talo de relva ou um sol, então está abaixo do nível de certeza requerido. Alguma outra pessoa, disposta, a ajudar teria de dirigir sua percepção para a árvore até perceber, sem constrangimento, que contemplava de facto uma árvore. Este é o único nível de certeza requerido, a fim de qualificar o conhecimento pois, conhecimento é observação e é dado àqueles que olham.

A fim de obter conhecimento e certeza, é necessário ser capaz de observar, na verdade, três universos que pudessem conter árvores. O primeiro é o nosso próprio universo; deveríamos ser capazes de criar uma árvore para nossa própria observação, na sua forma total, para uma percepção total. O segundo seria o universo material, que é o universo da matéria, energia, espaço e tempo, e é o ponto de encontro comum a todos nós. O terceiro é o "universo do outro indivíduo", pois ele e toda a classe de "outros indivíduos" têm universos próprios.

Um médico, por exemplo, pode parecer inteiramente certo da causa de uma doença e, contudo, para que o leigo aceite essa causa, depende da certeza do médico. O facto de a penicilina curar certas coisas é uma certeza para o médico, mesmo quando a penicilina súbita e inexplicavelmente deixa de curar algo. Qualquer falha inexplicável introduz uma incerteza que, dali em diante, retira o assunto do terreno duma certeza facilmente obtida.

Temos então aqui um paralelo entre certeza e sanidade.

Quanto menos certo o indivíduo está sobre algum assunto, menos são se poderia dizer estar quanto àquele assunto: quanto menos ele está certo daquilo que contempla no universo material, do que contempla no seu próprio universo ou no universo dos outros, menos são se poderia dizer ser.

A rota para a sanidade é demonstravelmente a rota para uma certeza crescente. Partindo de qualquer nível, basta obter um claro grau de certeza sobre o universo material para melhorar consideravelmente a condição-de-ser. Acima disso, obtemos alguma certeza sobre o nosso próprio universo e sobre o universo do outro indivíduo.

Certeza é então clareza de observação. Obviamente que acima disto, o que é vital, está a certeza na criação. Aqui está o artista, o mestre, o espírito grandioso.

À medida que avança uma pessoa descobre que o que percebeu primeiro como certeza pode ser consideravelmente melhorado. Deste modo, temos a certeza como uma escala gradativa*. Não é um absoluto, mas definida como a certeza que se percebe, ou a certeza de que se cria o que se percebe, ou a certeza de que há percepção. Sanidade e percepção, certeza e percepção, conhecimento e observação são então todos duma só espécie e, entre eles, temos a sanidade.

O caminho para a incerteza é o caminho da doença psicossomática, das dúvidas, ansiedade, medo, preocupações e nível de consciência em declínio. A certeza decresce na medida em que o nível de consciência decresce.

É muito intrigante para as pessoas que estão em mais altos níveis de consciência, a forma das pessoas se comportarem para com elas como o fazem; tais pessoas, em níveis mais elevados, não repararam que não são vistas e, muito menos, compreendidas. As pessoas que estão em níveis baixos de consciência não observam, substituindo a observação por preconceitos, avaliações e suposições, e até dor física através da qual obtêm as suas certezas.

O uso errôneo de choques nos insanos pelos antigos gregos, o uso de chicotes no velho manicômio, buscava dar certeza suficiente ao insano para o tornar menos insano.

A certeza dada através de pancada e punição é uma certeza alter-determinada. Ela produz comportamento de estímulo-resposta. Diante de um dado estímulo, um cão que foi, por exemplo, espancado, reagirá de uma forma invariável, desde que tenha sido suficientemente espancado, porém se for espancado em demasia, o estímulo resultará apenas em confusão. Assim sendo, certeza dada através de golpes, pela aplicação da força, ocasiona por fim uma certeza tão absoluta quanto se possa desejar: nível-de-inconsciência total. A inconsciência é em si uma certeza procurada por muitos indivíduos que falharam repetidamente qualquer alto nível de certeza consciente. Consequentemente, essas pessoas desejam uma certeza inconsciente. Assim, parece que a sede de certeza pode levar ao esquecimento, se é procurada como efeito.

Uma incerteza é o produto de duas certezas. Uma destas é a convicção, quer seja atingida por observação (causativa) ou por uma pancada (efeito). A outra é uma certeza negativa. Uma pessoa pode estar certa de que algo é, e pode estar certa de que algo não é. Ela pode estar certa de que há algo presente não importa o quê, e de que não há nada presente. Estas duas certezas conjugadas criam uma condição de incerteza conhecida como "talvez". Um "talvez" continua em suspenso na mente de um indivíduo, simplesmente porque ele não pode decidir se não é nada ou é alguma coisa. Ele apanha e mantém as certezas cada vez que lhe foram dadas provas ou que tomou a decisão de que é alguma coisa, e cada vez que veio a supor que é um nada. Quando estas duas certezas de algo

* escala gradativa: é uma escala de avanço a pouco e pouco ou em etapas fáceis na direção de
algo; uma escala de gradações, isto é, entre preto e branco há muitos matizes de cinzento,
sendo
as mais próximas do branco muito claras, mas avançando em tons escuros até ao cinzento muito
escuro para então chegar ao negro. Até com o preto e o branco se pode sempre achar um
preto
mais profundo ou um branco mais branco; desse modo, nenhum deles é absolutamente
preto
ou absolutamente branco.

e de nada podem vitalmente influenciar a permanência de alguém num estado de ser, ou simplesmente esse alguém supõe que pode influenciar tal estado de ser, surge uma condição de ansiedade. Consequentemente, ansiedade, indecisão, incerteza, um estado de "talvez", só podem existir na presença de pouca observação ou incapacidade de observar.

AS CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA

Existem três de existência.

Estas três condições abrangem a vida.

São elas: SER, FAZER e TER.

A CONDIÇÃO DE SER é definida como assunção de uma categoria de identidade. Poderia dizer-se que é o papel num jogo, e um exemplo de condição de ser seria o próprio nome. Outro exemplo seria a profissão. Outro seriam as características físicas de cada um. Estas poderiam ser chamadas a condição de ser de cada um. A condição de ser é adotada, dada, ou obtida, como por exemplo, num jogo, cada jogador ter sua própria condição de ser.

A SEGUNDA CONDIÇÃO DE EXISTÊNCIA É FAZER. Fazer significa ação, função, realização, alcance de metas, realização de propósitos ou qualquer mudança de posição no espaço.

A TERCEIRA É A CONDIÇÃO DE TER. Por condição de ter queremos dizer ter, possuir, ser capaz de comandar, posicionar, encarregar-se de objetos, energias ou espaços.

A definição de ter é ser capaz de tocar, ou permear, ou dirigir a disposição de qualquer coisa.

O jogo da vida exige que se adote uma condição de ser a fim se realizar uma condição de fazer na direção da condição de ter.

Estas três condições são dadas pela ordem da hierarquia no que se refere à vida. A capacidade de ser é mais importante do que a de fazer, e esta mais importante do que a de ter. Na maioria das pessoas, as três condições estão tão confusas que são melhor compreendidas na ordem inversa. Uma vez esclarecida a ideia da posse ou condição de ter, pode então passar a esclarecer-se a condição de fazer, em atividades gerais e, feito isto, pode compreender-se a condição de ser ou identidade.

É essencial a uma existência bem-sucedida, que cada uma destas três condições seja esclarecida e compreendida. A capacidade de assumir ou conceder condição de ser é, provavelmente, a maior das virtudes humanas. É até mais importante sermos capazes de permitir que as outras pessoas tenham condição de ser, do que sermos capazes de assumi-la nós próprios.

A CRIATIVIDADE DA MULHER

O futuro duma raça depende da sua atitude para com as crianças; e uma raça que se especializa em mulheres para “propósitos mentais” ou que acredita que a disputa dos sexos nas esferas dos negócios e política é um empenho mais meritório do que a criação da geração de amanhã é uma raça agonizante.

Temos, na mulher que é uma rival ambiciosa do Homem nas suas próprias atividades, uma mulher está a negligenciar a mais importante missão que pode ter. Uma sociedade que menospreza esta missão na qual as mulheres aprendem qualquer coisa, menos a gestão duma família, o cuidado dos Homens, a criação da geração futura, é uma sociedade em extinção.

O historiador pode marcar o ponto onde uma sociedade inicia seu declínio mais agudo no instante em que as mulheres começam a tomar parte, em pé de igualdade com os Homens, em assuntos políticos e de negócios, visto isto significar estarem os Homens decadentes e as mulheres não serem mais mulheres.

Isto não é um sermão sobre o papel ou posição das mulheres; é uma declaração, de facto destemida e básica. Quando as crianças se tornam sem importância para uma sociedade, tal sociedade perdeu o direito (privou-se) ao seu futuro. Mesmo além da paternidade, gestação e criação dos filhos, um ser humano não parece estar completo sem um relacionamento com um membro do sexo oposto. Este relacionamento é o recetáculo onde é nutrida a força da vida de ambos os indivíduos, onde criam o futuro da raça em corpo e pensamento. Se o Homem se elevar a maiores alturas, então a mulher deve subir com ele ou mesmo antes dele. Mas deve elevar-se como mulher e não como hoje, que está a ser iludida (desorientada) para subir como um Homem. Esta é a hedionda piada de Homens frustrados, frouxos, para converter as mulheres em travestis dos Homens, em que os próprios Homens se tornam.

Os Homens são criaturas difíceis e incómodas, mas valiosas. O cuidado e manejo criativo dos Homens é tarefa engenhosa e bela. Os que enganariam as mulheres quanto ao seu legítimo lugar convertendo-as em Homens, deveriam por fim entender que, por tal ação, estão a destruir não só as mulheres, mas os Homens e também as crianças. Este é um preço muito alto a pagar por ser “moderno”, ou pela raiva mesquinha ou despeito de alguém contra o sexo feminino.

A arte e perícia da mulher, a criação e inspiração de que é capaz e que, aqui e ali, em lugares isolados na nossa cultura ainda consegue efetuar, a despeito da ruína e decadência do mundo do Homem, devem ser trazidos de novo e completamente à vida. Esta arte e perícia, criação e inspiração são a sua beleza, assim como ela é a beleza da humanidade.

MITOS DA MENTE

A maldição do passado foi haver uma pretensão de conhecimento. Nós tivemos uma adoração da fábula. Nós tivemos pregadores elevados a mitos. E o homem não tem olhado em absoluto.

Nós, nesta idade moderna da ciência, não desenvolvemos fora do campo da humanística coisa alguma comparável a uma observação científica da mente. A humanística, psicologia, sociologia, criminologia e os vários ramos dos estudos das ciências sociais em geral, podem dizer-se, neste tempo e lugar, terem falhado.

Imaginar que podemos ver é uma condição pior do que ser incapaz de ver. A humanística imaginou muitas coisas para ver. Ela nunca se preocupou em olhar. Logo falhou.

A Cientologia diz-lhe bastante adequadamente que há um Valhalla* enorme confundido com o reino de Plutão**, confundido com contos de fadas, confundido com o trabalho de Menninger¹, ficando tudo abaixo do nível de verdade. A verdade é uma coisa simples que ninguém poderia ver. Porque é que eles não a veem? Porque eles moram neste país das maravilhas magnífico, que não o é e nunca será.

Entremos no país das maravilhas. O país das maravilhas das sílabas, o país das maravilhas por baixo da terra de nunca, nunca. Nós conhecemos isso como dispersão. Um indivíduo olha para algo e isso faz ricochete, e ele já não pode olhar naquela direção. Isso dá-lhe um soco nos dentes. Logo ele não deve olhar daquela maneira. Ele tem que olhar para outro lugar. E finalmente aprende muito bem a não observar nada.

São essas as mecânicas exatas de como foi criado um país das maravilhas, de informação enganosa, informação essa que se tornou nas ciências sociais. O indivíduo não pôde confrontar o homem, por isso deu meia volta e desenvolveu uma teoria sobre homem.

Existem muitos seres e bestas imaginárias e legendárias exatamente como as que havia na idade das trevas. Vejamos a maneira como os marinheiros antigos impediram o povo comerciar com a Costa Americana. Todos os marinheiros do tempo de Colombo acreditavam que só se podia navegar até certo ponto e então caíam da extremidade e havia monstros e bestas terríveis que os afundariam se navegassem para além da visão de terra.

Uma grande quantidade de bestas tinha sido inventada para excluir a navegação descuidada para a reserva de outrem.

Agora eu não lhe vou dizer que o campo da mente foi só habitado por seres imaginários, mas algo desta ordem é feito pelo camarada que inventa uma tremenda nomenclatura do cérebro ou estrutura de ossos e então diz: "você tem que saber todos estes nomes antes de poder saber qualquer coisa sobre a

*Valhalá: mansão dos heróis mortos em batalha (mitologia escandinava)

**Plutão: Deus do reino dos mortos (mitologia greco-latina)

¹ Psiquiatra americano fundador da Fundação Menninger no Kansas

mente", e depois diz: "cada uma destas partes do cérebro tem uma função específica". E adiciona: "ninguém deveria mexer com a mente porque ela morde".

Eu não digo que é a mesma coisa que o marinheiro espanhol fez com o mar para impedir sujeitos como Colombo de descobrir coisas. Eu não digo isso de momento. Eu meramente insisto nisso.

Tudo o que uma pessoa tem que fazer é ver exatamente onde ela está, e verá algo da mente. Mas se lhe foi dito que é muito perigoso brincar com a mente e não sabe que essas bestas furiosas do mar são realmente arremedos para manter reservas pesqueiras, bem, ele diz: "Bom, é melhor não olhar. É melhor ficar cego".

Pelos anos fora aprendi eu que era suposto eles fazerem coisas com a mente por cima desta premissa: o QI básico não pode mudar e as características de personalidade são inalteráveis. Isto é derrotismo.

Agora, a Cientologia é definida como: saber como saber. Mas poderia ser melhor definida como: "informação sobre você acumulada e organizada". É todo o conhecimento sobre você adquirido durante 2500 anos pelo menos. Mas este foi resumido a fim de ser comunicável, aplicável e de obter alguns resultados definidos. E sobre maneira e acima de todas estas outras coisas, é capaz de obter mudanças. Pode criar mudanças para melhor, e pode fazer as coisas parecer e agir melhor.

A maioria dos nossos dados está no firme fundamento de ter olhado. E a sua capacidade de saber do assunto é sua capacidade de olhar.

O homem, antes de se levantar e olhar para ver onde está, antes de começar a olhar na direção apropriada, descobre que é cego. Então diz: "Eh, espere um minuto", e tira o véu dos olhos, dá uma olhadela e tem tendência a continuar mergulhado em complexidades.

Assim, há uma única tensão contínua em Cientologia, e isso é a maior simplicidade, e isso significa maior comunicação. Através do envolvimento numa complexidade nós criamos um mistério. Nós afundamos o homem num sacerdócio, num culto.

A simplicidade de observação, a simplicidade de comunicação em si e apenas em si, é funcional e levará o homem do fundo para o topo. E a única coisa que eu estou a tentar ensinar é a olhar.

COMO VIVER COM CRIANÇAS

Um adulto tem certos direitos face às crianças, que as crianças e os adultos modernos tendem a ignorar. Um adulto são, estável, com carinho e tolerância no coração é quase a melhor terapia que uma criança pode ter.

A consideração principal na criação de filhos é o problema de as treinar sem as despedaçar. Você quer criar a sua criança de tal maneira que não tenha que a controlar, para que ela esteja sempre na posse total das suas próprias faculdades. Disso dependem o seu bom comportamento, a sua saúde, a sua sanidade.

As crianças não são cães. Elas não podem ser treinadas como os cães. Elas não são itens controláveis. Elas são, e não negligenciemos o caso, homens e mulheres. Uma criança não é uma espécie de animal especial distinto do Homem. Uma criança é um homem ou uma mulher que não atingiram o crescimento total.

Qualquer lei que se aplica ao comportamento de homens e mulheres, também se aplica às crianças.

Como seria se você fosse puxado, e arrastado, e mandado e restringido de fazer seja o que for? Você ressentir-se-ia disso. A única razão por que uma criança "não" se ressent, é porque é pequena. Você quase mataria alguém que o tratasse a si, como adulto, com as ordens, contradição e desrespeito dados à criança comum. A criança não riposta porque não é bastante grande. Em vez disso ela suja o chão, interrompe o seu sono, destrói a paz da casa. Se estivesse em igualdade em matéria de direitos, ela não precisava desta "vingança". Esta vingança" é o comportamento padrão duma criança.

Uma criança tem direito à sua autodeterminação. Você diz que ela se não for impedida de atirar coisas por cima dela própria e correr para a estrada, etc., etc., magoar-se-á. O que é que você como adulto está a fazer para obrigar aquela criança a viver em quartos ou num ambiente onde ela possa ser ferida. Se parte coisas, a culpa é sua, não dela.

A ternura e o amor de uma criança são preservados só na medida em que ela pode exercer a sua própria autodeterminação. Interrompendo isso, interrompe em certa medida a vida dela.

Há apenas duas razões por que o direito de uma criança a decidir por si mesmo tem que ser interrompido; a fragilidade e perigo do ambiente e você. É que você projeta nela as coisas que lhe foram feitas a si, independentemente do que você pensa.

Quando você dá algo a uma criança, isso é dela. Já não é seu. Roupas, brinquedos, moedas, tudo o que lhe foi dado tem que permanecer sob o seu exclusivo controlo. Assim, se ela rasga a camisa, destrói a cama, parte a bomba de incêndio, você não tem nada a ver com isso. Como é que seria se alguém lhe desse um presente de Natal e então lhe dissesse, dia após dia o que fazer com ele e até castigá-lo se não cuidasse dele da maneira que o doador achasse? Você destruiria esse doador e arruinaria o presente. Você sabe que o faria. A criança dá-lhe cabo dos nervos quando você lhe faz isso a ela. É a vingança. Ela chora. Ela importuna-o. Ela parte as coisas. Ela entorna o leite "acidentalmente". E destrói, de propósito, a coisa sobre a qual é tão frequentemente advertida. Porquê? Porque ela está a lutar pela sua própria autodeterminação, o seu próprio direito a possuir e fazer sentir o seu peso no ambiente. Esta "possessão" é outro canal

através do qual ela pode ser controlada. Logo ela tem que combater a possessão e o controlador.

Ao criar o seu filho, você tem que evitar "treiná-lo" para ser um animal social. A sua criança começa por ser mais sociável, mais digna do que você. Num relativamente curto espaço de tempo, o tratamento a que é submetida reprime-a tanto que ela se revolta. Esta revolta pode ser intensificada até se tornar um terror. Ela será ruidosa, irrefletida, descuidada com as coisas dela, suja, em resumo, qualquer coisa que o aborrecerá. Treine-a, controle-a e perderá o seu amor. Você perde para sempre a criança que procura controlar e possuir.

Outra coisa é a questão do contributo. Você não tem o direito de negar à criança o direito ao seu contributo.

Um ser humano sente-se capaz e competente só na medida em que lhe é permitido contribuir tanto ou mais do que lhe foi dado a ele.

Um bebé contribui tentando fazê-lo sorrir. O bebé exhibir-se-á. Pouco depois dança para você, traz-lhe paus, tenta repetir os seus movimentos de trabalho para o ajudar. Se não aceitar esses sorrisos, essas danças, essas parvoíces, esses movimentos de trabalho com o espírito com que são dados, começa a interromper o contributo da criança. Agora começará a ficar ansiosa. Fará às suas coisas, coisas irrefletidas e estranhas, num esforço para as "tornar melhor" para si. Você ralha-lhe e isso acaba com ela.

Permita à criança sentar-se no seu colo. Ela ficará contente. Agora ponha os braços à volta dela e obrigue-a a ficar lá. Faça isto embora ela nem sequer tente sair. Imediatamente ela se contorcerá. Lutará para fugir. Zangar-se-á. Chorará. Lembre-se agora que ela estava contente antes de a prender. (De facto, você deve fazer esta experiência).

Os seus esforços para modelar, treinar, controlar esta criança em geral, reagem nela precisamente como quando tenta segurá-la no colo.

Está claro que você terá dificuldades se esta criança já foi treinada, controlada, mandada, lhe foram negadas as suas próprias coisas. Entretanto, você muda de tática. Você tenta dar-lhe a sua liberdade. Ela suspeita de você de tal maneira que passará um mau bocado para se adaptar. O período de transição será difícil. Mas no fim terá uma criança bem-mandada, bem treinada, sociável, com consideração por si e, muito importante, uma criança que o ama.

Uma criança sob constrangimento, guardada, manejada, controlada, tem uma ansiedade postulada muito má. Os pais são entidades de sobrevivência. Eles querem dizer com isto comida roupa, abrigo, afeto. Isto significa que ela quer estar perto deles. Ela quer naturalmente amá-los uma vez que é a sua criança.

Mas por outro lado os pais são entidades de não-sobrevivência. Todo o seu ser e vida dependem do direito de usar as suas próprias decisões quanto a movimentos, às suas coisas e ao corpo. Os pais procuram estorvar isto devido à ideia errada de que uma criança é um idiota que não aprenderá a menos que "controlada". Logo ela tem que se manter afastada, lutar, arreliar e assolar um inimigo.

Aqui está a ansiedade. "Eu amo-os afetosamente. Eu também preciso deles. Mas eles significam um estorvo à minha capacidade, à minha mente, à minha vida potencial. O que hei de fazer com os meus pais? Não posso viver com eles. Não posso viver sem eles. Meu Deus, meu Deus"! Lá está ela nos seus calções

com este problema na cabeça. Esse problema, essa ansiedade, seguiu-la-á durante mais ou menos dezoito anos. E quase lhe destroça a vida.

Liberdade para a criança significa liberdade para si próprio.

Abandonar as coisas da criança ao seu destino, significa segurança final para as coisas da criança.

Que terrível a força de vontade é exigida a um pai para não dar constantes torrentes de instruções a uma criança!

Mas tem que ser feito se quiser uma criança feliz, cuidadosa, bonita, inteligente!

A criança tem deveres para consigo. Ela tem que ser capaz de cuidar de si; não numa ilusão, mas de facto. E você tem que ter a paciência de deixar que ela cuide de si à vontade até que, por pura experiência e não através das suas diretrizes, ela aprenda a fazê-lo bem. Cuidar da criança? Tolice! Ela tem provavelmente um melhor domínio de situações imediatas do que você.

DO CASAMENTO

A comunicação é a raiz do sucesso matrimonial a partir da qual uma união forte pode crescer; não comunicação é a rocha na qual a embarcação irá reben-tar a quilha.

Em primeiro lugar, homens e mulheres são pouco cuidadosos “quanto a com quem casam”. Na ausência de algum treino básico sobre neuroses, psicoses ou como julgar uma boa cozinheira ou um bom trabalhador, essa coisa complicada, traiçoeira e nem sempre fácil de identificar chamada “amor” é o único fator que conduz à seleção de parceiros. É esperar demais duma sociedade acima do nível das formigas, ser inteiramente prática a respeito duma instituição tão basicamente impraticável como o casamento. Desse modo, não causa espanto que a má seleção de parceiros continue com tanta naturalidade.

Existem, no entanto, maneiras, não só de selecionar um par para casar, mas também de garantir a continuidade do casamento; e essas maneiras são simples e dependem uniformemente da comunicação.

Deveria existir alguma paridade intelectual e de sanidade entre marido e mu-lher para terem um casamento de sucesso. Na cultura ocidental, espera-se que as mulheres tenham algum domínio da humanística e das ciências. É fácil es-tabelecer a escolaridade de um potencial parceiro matrimonial; mas não é tão fácil medir sua aptidão quanto ao sexo, família ou filhos, nem a sua sanidade.

No passado, foram feitos esforços para estabelecer a sanidade com borrões de tinta, blocos quadrados e testes com bolas de gude para descobrir se a pessoa tinha perdido parte dela. Os números resultantes tinham de ser interpretados pessoalmente com uma bola de cristal e, depois, reinterpretados para serem aplicados.

Em Cientologia há um teste de sanidade e sanidade comparativa que é tão simples que qualquer um pode aplicá-lo. Qual é a “demora de comunicação” do indivíduo? Ao ser-lhe feita uma pergunta, quanto tempo leva a responder? Quando uma observação lhe é dirigida, quanto tempo precisa para a registrar e responder? A resposta rápida tem a ver com uma mente rápida e sadia, desde que a resposta seja coerente; a resposta lenta diz respeito à escala inferior. Pares matrimoniais que têm o mesmo intervalo de comunicação dar-se-ão bem; quando um é rápido e o outro é lento, a situação tornar-se-á insuportável para o rápido e deplorável para o lento.

O remédio de um casamento que está a ir mal, nem sempre requer “audição” dos parceiros. Pode ser que outro fator familiar esteja na cena. Pode estar na pessoa de um familiar, tal como a sogra. Como é que se resolve este fator sem uma pistola? Uma vez mais, isto é simples. A sogra, caso haja dificuldades na família, é responsável pelo corte de linhas de comunicação ou desvios de comu-nicação. Um ou o outro dos parceiros é então privado do canal de comunicação a que pertence. Ele sente isto e opõe-se vigorosamente.

O ciúme é o maior fator nas separações. O ciúme surge devido à insegurança da pessoa ciumenta, e pode ou não ter fundamento. Esta pessoa tem medo de linhas escondidas de comunicação, e tudo fará para as pôr à vista. Isto atua sobre o outro parceiro, fazendo-o sentir que as suas linhas de comunicação es-tão a ser cortadas; é que ele se acha com direito a linhas de comunicação aber-tas, enquanto o seu par matrimonial insiste que feche muitas delas. As brigas

resultantes são violentas, representadas pelo facto de que, quando existe ciúme numa profissão como a de ator, as companhias de seguro não emitem apólices; a percentagem de suicídios é demasiadamente alta.

O assunto do casamento não caberia em muitos capítulos, porém é aqui apresentada a chave de um casamento bem-sucedido: a comunicação!

O HOMEM BEM SUCEDIDO

As condições de sucesso são poucas e facilmente descritas.

Os empregos não são mantidos estáveis, mas na verdade por golpes do destino ou de sorte. Os que dependem da sorte, geralmente têm azar. A faculdade de conservar um emprego depende principalmente da capacidade. É preciso sermos capazes de controlar e de sermos controlados ao fazer o nosso trabalho. Precisamos também de ser capazes de deixar certas áreas sem controlo. A nossa inteligência está diretamente relacionada com a nossa capacidade. Essa coisa de ser “esperto demais” não existe, mas existe essa coisa de agir com “excessiva estupidez”.

Pode, no entanto, ser-se capaz e inteligente sem sucesso. Uma parte vital do sucesso é a capacidade de manejar e controlar, não só os instrumentos do negócio, mas também as pessoas de que estamos rodeados. Para isto é preciso ser capaz de um nível muito alto de afinidade, de tolerar realidades maciças, e também de dar e receber comunicação.

Os ingredientes do sucesso são, então: primeiro a capacidade de confrontar o trabalho com alegria e não com horror; um desejo de fazer o trabalho em si e não porque “é preciso ganhar o ordenado”. Precisamos de ser capaz de trabalhar sem nos arrastarmos ou experimentarmos as profundezas da exaustão. Se um indivíduo experimenta estas coisas, algo há errado com ele. Algum elemento no seu meio ele deveria controlar, mas não o está a controlar, ou o os seus ferimentos acumulados é tal que o faz afastar de todo o mundo e das massas com as quais deveria estar em contacto muito íntimo.

Os ingredientes do trabalho bem-sucedido são: instrução e experiência no assunto a tratar; boa inteligência em geral, e capacidade; capacidade de uma alta afinidade; tolerância da realidade; e capacidade de comunicar e receber ideias. Dadas estas coisas, resta uma parca probabilidade de fracasso. Dadas estas coisas, um Homem pode ignorar todos os acidentes de berço, casamento ou sorte, pois eles não podem colocar os elementos necessários nas nossas mãos. Uma pessoa pode ter todo o dinheiro do mundo e no entanto ser incapaz de desempenhar uma hora de trabalho honesto. Tal pessoa seria profundamente infeliz.

Geralmente a pessoa que deliberadamente evita trabalho, trabalha mais tempo e de maneira mais árdua do que quem prazenteiramente o confronta e desempenha. Os Homens que não podem trabalhar não são felizes.

O trabalho é um dado estável* nesta sociedade. Sem algo para fazer não existe razão para viver. Quem não pode trabalhar vale tanto como um morto; usualmente prefere a morte, e faz tudo para o conseguir.

Com a Cientologia, os mistérios da vida não são hoje muito misteriosos. O mistério não é um ingrediente indispensável. Só os indivíduos muito aberrados desejam manter vastos segredos bem longe de si. A Cientologia derrubou muitas das complexidades criadas aos Homens e põe a descoberto o âmago desses problemas. A Cientologia, pela primeira vez na história do Homem, pode elevar a

* Dado estável: Um dado que não deixa as coisas em confusão e à volta do qual outros dados se perfilam

inteligência de maneira previsível, aumentar a capacidade, reabilitar a capacidade de jogar um jogo e permitir ao Homem escapar da espiral descendente das suas próprias incapacidades. Portanto, o trabalho em si pode tornar-se um jogo, uma coisa agradável e alegre.

Há algo que é ensinado em Cientologia muito importante para o estado de espírito do trabalhador. Este sente frequentemente, no meio em que vive, que está a trabalhar para fazer jus ao salário do mês, e que não apresenta nada de importante para a sociedade. Ele desconhece muitas coisas. Uma delas é como são poucos os bons trabalhadores. Ao nível de executivos, é interessante notar como uma grande companhia acha realmente precioso o indivíduo que pode tratar e controlar serviços e homens. Tais pessoas são raras. É nas posições de topo da estrutura deste mundo do trabalho quotidiano que reside todo o vazio.

E há outra coisa muito importante. O facto de que o mundo de hoje foi levado, por meio de filosofias mentais planeadas para o trair, a acreditar que ao morrer está tudo acabado e não há mais responsabilidade por coisa alguma. É altamente duvidoso que isto seja verdade. Uma pessoa herda amanhã aquilo de que morreu ontem.

Outra coisa que sabemos é que os homens não são dispensáveis. Um mecanismo de velhas filosofias diz-nos que, se pensamos que somos indispensáveis, devemos ir a um cemitério e dar uma vista de olhos. Esses homens também foram indispensáveis. Esta é a mais pura asneira. Se você olhar realmente com cuidado o cemitério, encontrará o mecânico que pôs em funcionamento os modelos de antanho sem os quais não haveria indústria hoje. Duvidamos que tal feito esteja sendo desempenhado neste momento. Um trabalhador não é só um trabalhador. Um operário não é apenas um operário. Um empregado de escritório não é somente um empregado de escritório. Eles são importantes pilares que vivem e respiram, sobre os quais é erigida toda a estrutura da nossa civilização. Não são dentes da engrenagem de uma poderosa máquina. São a própria máquina.

DA MORTE DO ESTADO DE CONSCIÊNCIA

Onde é que uma pessoa cessa de Sobreviver e começa a Sucumbir? O ponto de demarcação não é a morte como a conhecemos. Ele é marcado pelo que podemos chamar de morte da consciência do indivíduo.

A maior arma do Homem é a razão. Na falta dos dentes, da carapaça, das garras de tantas outras formas de vida, o Homem confiou na sua capacidade de raciocínio a fim de promover sua sobrevivência.

A escolha da capacidade de pensar como arma principal é uma escolha feliz. Ela concedeu ao Homem o reino da terra. A razão é uma arma excelente. O animal com os seus dentes, a sua carapaça, as suas longas garras, é dotado de armas que não pode alterar. Não pode moldar um ambiente mutante. E, para sobreviver, é terrivelmente importante mudar quando o ambiente muda. Todas as espécies extintas foram extintas por não poderem mudar a fim de controlar um novo ambiente. A razão remedeia uma parte considerável desta falha, pois o Homem pode inventar novos utensílios e novas armas, assim como um ambiente inteiramente novo. A razão permite-lhe mudar, para moldar novas situações. A razão mantém-no em controlo de novos ambientes.

Qualquer animal que simplesmente se ajusta ao ambiente está condenado. Os ambientes mudam rapidamente. Os animais que podem controlar e mudar o ambiente têm mais possibilidades de sobreviver.

O único modo de poder organizar um estado coletivo é convencer os Homens de que devem ajustar-se e adaptar-se, como animais, a um ambiente constante. As pessoas devem ser privadas do direito de controlar, como indivíduos, o seu ambiente. Assim podem ser arregimentados e arrebanhados em grupos. Tornam-se possuídos, não possuidores. Têm que ser despojados de razão e direito à razão, pois o próprio cerne da razão é o direito de tomar suas próprias decisões quanto ao ambiente.

Os elementos combatem o Homem e o homem combate o Homem. O principal alvo dos inimigos do Homem ou dum homem é o seu direito e capacidade de raciocínio. As forças brutas e disparatadas dos elementos, tormentas, o frio e a noite atacam, desafiam e então, pode ser que esmaguem a Razão, assim como o corpo.

Mas assim como a inconsciência precede sempre a morte mesmo que por instantes, também a morte da razão precede a morte do organismo. E esta ação pode acontecer num longo período de tempo, mesmo até em metade duma vida, mesmo até antes disso.

Já observou o alto nível de alerta dum jovem, de peito aberto contra as forças que se opõem à vida? E observou um outro na velhice? Descobrirá que foi a sua capacidade de raciocínio que sofreu. Ele ganhou experiência no duro e, da meia-idade em diante, procura viajar nessa experiência. É um truísmo dizer que a juventude pensa rapidamente com pouca experiência. E que a idade pensa devagar com muita experiência. A razão da juventude está muito longe do sempre certo, pois está a tentar raciocinar sem dados adequados.

Suponhamos que tivéssemos um Homem que reteve toda a sua capacidade de raciocínio, tendo ainda uma grande quantidade de experiência. Suponhamos

que as nossas barbas grisalhas pudessem pensar com todo o entusiasmo e vitalidade da juventude, e ainda tivessem toda a sua experiência. O idoso diz ao jovem: "tu não tens experiência!" O jovem diz ao idoso "você não tem razão!" Obviamente que uma combinação ideal seria ter a experiência da idade e a vitalidade e visão da juventude.

Você pode ter dito a si mesmo: "Com toda a minha experiência de agora, o que eu não daria por parte do entusiasmo que tinha antes?". Ou talvez você se desculpasse dizendo que "perdeu as ilusões". Mas você não tem a certeza de que foram ilusões. O brilho da vida, rápido entusiasmo, desejo e gosto de viver, crença no destino são ilusões? Ou são sintomas da própria coisa de que a vida é feita? E não é o declínio disto um sintoma de morte?

O conhecimento não destrói o gosto de viver. A dor e perda da autodeterminação destroem esse gosto. A vida pode ser penosa. Ganhar experiência é, com frequência, penoso. Reter essa experiência é essencial. Mas não será ainda experiência mesmo quando não contém dor?

Suponhamos que você pudesse limpar toda a dor, física ou outras, acumuladas na sua vida. Seria tão terrível desfazer-se dum coração despedaçado ou duma doença psicossomática, com medos, ansiedades e apreensões?

Suponhamos que um homem tivesse uma nova oportunidade, com tudo que sabe, de olhar novamente a vida e do Universo nos olhos e dizer que poderiam ser vencidos. Você lembra-se de um dia, quando era mais novo, em que acordou e viu o orvalho a brilhar na relva, nas folhas, e o sol dourado a brilhar num mundo feliz? Lembre-se de como era lindo e bom? O primeiro doce beijo? O calor da amizade verdadeira? A intimidade de um passeio ao luar? O que é que tornou tudo tão diferente de um mundo reluzente?

A consciência do mundo à nossa volta não é uma coisa absoluta. Podemos estar mais conscientes da cor, brilho e alegria numa ocasião da vida do que na outra. Podemos sentir mais facilmente a brilhante realidade das coisas na juventude do que na velhice. E não será isso como que um declínio da consciência, das percepções?

O que é que nos torna menos preceptivos do esplendor do mundo à nossa volta? O mundo mudou? Não, pois cada geração nova vê o encantamento e a glória, a vitalidade da vida, a mesma vida que a idade pode enxergar, no máximo, como que embotada. O indivíduo muda. E o que é que o faz mudar? Será o declínio das suas glândulas e nervos? Pouco provável, pois todo trabalho feito nas glândulas e nervos, na estrutura do corpo, pouco restaurou, se é que o fez, o esplendor da vida.

"Ah, juventude", suspira o adulto "Se ao menos eu tivesse o seu entusiasmo de novo!" O que é que reduziu aquele entusiasmo?

À medida que a consciência do esplendor da vida declina, também declina nossa própria consciência. As percepções decrescem exatamente quando a consciência decresce. A capacidade de perceber o mundo à nossa volta e a capacidade de tirar conclusões exatas sobre ele é, para todos os efeitos, a mesma coisa.

Os óculos são um sintoma do declínio da consciência. É preciso que a nossa visão seja amparada para fazer o mundo parecer mais brilhante. A incapacidade de nos movermos depressa, como quando corríamos na infância, é um declínio de consciência e capacidade.

Completa inconsciência é morte. Meia consciência é meia morte. Um quarto de inconsciência é um quarto de morte. E à medida que a dor que acompanha

a vida se acumula e o prazer deixa de se acumular, a luta contra o cavaleiro da foice perde-se gradualmente. E, por fim, segue-se a incapacidade física de ver, de pensar e de ser, como na morte.

Como é que esta dor se acumula? E se nos livrássemos dela retornariam uma completa consciência e um conceito de vida inteiramente brilhante? E existe um meio de nos livrarmos dela? Com a Cientologia, a resposta é SIM.

ÊNFASE NA CAPACIDADE

Quando dizemos “Vida”, todos sabemos, mais ou menos, de que estamos a falar; porém, quando usamos esta palavra “Vida” de um modo prático, devemos examinar os propósitos e comportamento, e em particular, as fórmulas desenvolvidas pela Vida a fim de ter o jogo chamado “Vida”.

Quando dizemos “Vida”, queremos dizer Compreensão; e quando dizemos “Compreensão”, queremos dizer Afinidade, Realidade e Comunicação. Compreender tudo seria viver no mais alto nível de ação e capacidade potenciais. A qualidade de Vida existe, então, na presença de Afinidade, Realidade e Comunicação.

A Vida existiria num grau bem menos ativo nos níveis de mal-entendidos, incompreensibilidade, doenças psicossomáticas e incapacidades físicas e mentais. Porque a Vida é Compreensão, ela tenta compreender. Quando ela se vira e encara o incompreensível, sente-se frustrada e confusa.

Se uma pessoa está, obsessivamente e sem compreensão, a ser determinada para a incompreensibilidade, então está certamente perdida. Por isso descobrimos que a única armadilha em que a Vida poderia cair seria fazer coisas sem saber que as está a fazer.

Podemos sempre compreender que a nossa capacidade pode aumentar, porque na direção dum aumento de capacidade está mais compreensão. A capacidade depende inteiramente duma maior e melhor compreensão do campo ou área em que queremos ser mais capazes. Quando tentamos compreender incapacidade, estamos, obviamente, a olhar para menos compreensibilidade, menos compreensão, e assim não compreendemos de longe o decréscimo de capacidade tão bem como o aumento de capacidade. Na ausência de compreensão de capacidade, temos medo de perder capacidade, o que é simplesmente o medo do desconhecido ou um pensar-ser-incognoscível; é que há menos conhecimento e menos compreensão numa menor capacidade.

O controlo faz parte da compreensão e da capacidade. Claro que não é necessário controlar todas as coisas, em toda a parte, se as compreendermos totalmente. Entretanto, numa menor compreensão das coisas e, por certo, no espírito de ter um jogo, o controlo torna-se um fator necessário. A anatomia do controlo é Começar, Parar e Mudar, e é tão completamente importante saber isto quanto a Compreensão: Afinidade, Realidade e Comunicação.

Os médicos e enfermeiras duma ala de doenças contagiosas têm algum grau de controlo sobre as enfermidades que veem à sua frente. Só quando eles próprios começam a reconhecer a sua incapacidade de lidar com esses males ou pacientes, é que sucumbem a eles. Em vista do facto de nos últimos séculos termos sido muito bem-sucedidos quanto a tratar moléstias contagiosas, os médicos e enfermeiras podem então andar com impunidade pelas enfermarias.

Os combatentes da doença, tendo um certo controlo sobre a mesma não mais a temem, e assim ela não os pode afetar. Certamente haverá um nível de compreensão corporal que poderia ainda espelhar o medo, mas predominaria a mesma afirmação. As pessoas capazes de controlar coisas não precisam temê-las e não sofrem o seu efeito nocivo. As pessoas que não podem controlar coisas podem receber delas maus efeitos.

O denominador comum de todas as neuroses, psicoses, aberrações e doenças psicossomáticas é "não poder trabalhar". Qualquer nação que tenha uma alta incidência disto é fraca em produção e reduzida em longevidade.

Entre os incapazes está o criminoso, que é incapaz de pensar no seu semelhante, incapaz de cumprir ordens, incapaz de fazer as coisas crescer, incapaz de determinar a diferença entre o bem e o mal, incapaz de absolutamente pensar no futuro. Qualquer um tem algumas destas coisas; o criminoso tem todas elas.

E o que fazer a respeito de "quanto isto é mau"? Bem, se dependermos por muito tempo de outros que façam algo sobre isso, ou dependermos da força, iremos falhar.

A ênfase é na CAPACIDADE.

AS PESSOAS HONESTAS TAMBÉM TÊM DIREITOS

Após ter atingido um alto nível de capacidade, você será o primeiro a insistir no seu direito de viver com pessoas honestas. Quando conhecemos a tecnologia da mente, sabemos que é um erro usar “direitos individuais” e “liberdade” como argumentos para proteger aqueles que só iriam destruir.

Os direitos individuais não foram instituídos para proteger criminosos, mas para trazer liberdade ao Homem honesto. Nesta área de proteção mergulharam então os que precisavam de “liberdade” e “liberdade individual” para encobrir as suas próprias questionáveis atividades.

A liberdade é para o Homem honesto. Nenhum Homem, que não é ele próprio honesto, pode ser livre – ele cai na sua própria armadilha. Quando seus próprios actos não podem ser descobertos, então é um prisioneiro; ele precisa esquivar-se dos seus semelhantes, e é escravo da sua própria consciência. Antes de ser possível, a liberdade tem que ser merecida.

Proteger pessoas desonestas é condená-las aos seus próprios infernos. Tornando “direitos individuais” sinónimo de “proteger criminosos”, ajuda a um estado de escravatura para todos, visto que quando se abusa da “liberdade individual”, surge com ela uma impaciência que, com o tempo, nos leva a todos de roldão. Todas as leis disciplinares têm por alvo os poucos que erram. Infelizmente essas leis também lesam e restringem os que não erram. Se todos fossem honestos, não existiriam ameaças disciplinares.

Só há uma saída para uma pessoa desonesta: defrontar-se com as suas próprias responsabilidades na sociedade, e pôr-se de volta em comunicação com o seu semelhante, a sua família, o mundo em geral. Procurando invocar os seus “direitos individuais” para se proteger dum exame aos seus actos reduz, na mesma medida, o futuro da liberdade individual, pois ela própria não é livre. Entretanto, contamina os outros que são honestos, usando o direito deles à liberdade para se proteger.

Inquieta se deita a cabeça que tem a consciência pesada.

E não se deitará mais facilmente ao procurar proteger más ações com apelos a “liberdade significa que você não deve nunca olhar para si”. O direito de uma pessoa à sobrevivência está diretamente relacionado com a sua honestidade.

Liberdade para o Homem não significa liberdade para lesar o Homem. Liberdade de expressão não significa liberdade para fazer mal com mentiras.

O Homem não pode ser livre enquanto existirem os escravos dos seus próprios terrores.

A missão de uma sociedade techno-espacial é subordinar o indivíduo e controlá-lo através de coação económica e política. Os únicos acidentados na era da máquina são o indivíduo e a sua liberdade.

Para preservar essa liberdade, não deve ser permitido aos Homens esconder as suas intenções malévolas sob a proteção dessa liberdade. Para ser livre, um Homem deve ser honesto consigo mesmo e com os seus semelhantes.

Se um Homem usa sua própria honestidade para protestar contra desmascarar a desonestidade, esse Homem é, então, um inimigo da sua própria liberdade.

Podemos ficar ao sol unicamente enquanto não deixarmos os actos dos outros trazer a escuridão.

A liberdade é para o Homem honesto. Existe liberdade individual somente para os que têm capacidade de ser livres.

Quem iria punir quando pudesse salvar?

Somente um louco quebraria um objeto desejado que pudesse consertar.

O indivíduo não tem que morrer nesta era da máquina; com direitos ou sem direitos. O criminoso e o louco não devem triunfar com seus recém-encontrados utensílios de destruição.

A pessoa menos livre é aquela que não pode revelar os seus próprios actos e que protesta contra a revelação dos actos impróprios de outros. Sobre tais pessoas será construída uma futura escravatura política onde todos nós teremos números, e a nossa culpa, a não ser que tomemos ação.

É fascinante que a chantagem e a punição sejam os traços dominantes de todas as operações obscuras. O que aconteceria se estes dois artigos não mais existissem? O que aconteceria se todos os Homens fossem suficientemente livres para falar? Então, e só então, teríamos liberdade.

No dia em que pudermos confiar inteiramente uns nos outros, existirá paz na terra.

NÍVEL DE ACEITAÇÃO

Uma coisa que a pessoa descobrirá é que foi cuidadosamente ensinada de que certas coisas são más e, por isso, não desfrutáveis; e que instalou resistências a tais coisas; e que, com o tempo, essas resistências, se tornaram uma esponja para as coisas para que eles foram preparados a contra-atacar, e que a resistência, indo-se abaixo, criou uma sofreguidão por aquilo que, a princípio, resistia.

Este é o universo físico em funcionamento no melhor da sua operação: fazer alguém combater algo, e arranjando depois maneira da pessoa acabar ansiando pelo que esteve a combater.

Se olhar à sua volta poderá ver o Nível de Aceitação dramatizado em cada atividade da vida. Poderá, então, compreender porque algumas mulheres não limpam a sala-de-estar; para tal pessoa uma sala-de-estar não é aceitável, a não ser desarrumada. Poderá também compreender a razão por que alguns homens deixam uma linda e prestimosa miúda e fogem com uma doméstica ou uma prostituta; o seu nível de aceitação estava bem mais abaixo da miúda bonita. Poderá compreender ainda porque, enquanto jovens, alguns de vocês não eram aceitáveis nos vossos próprios lares; eram por demais brilhantes e demasiadamente prazenteiros, e isso estava bem acima dos que estavam à sua volta. Poderá igualmente compreender porque os jornais imprimem as histórias que apresentam.

CONFRONTO

O que a pessoa pode confrontar pode manejar.

O primeiro passo para lidar com alguma coisa é adquirir a capacidade de a enfrentar.

Poderia dizer-se que a guerra continua como ameaça para o Homem porque este não pode confrontá-la. A ideia de tornar a guerra tão terrível que ninguém seria capaz de combatê-la, é o reverso exato do facto, se desejarmos pôr fim à guerra. A invenção do arco comprido, da pólvora, do canhão naval pesado, metralhadoras, fogo líquido e da bomba de hidrogénio, adicionam somente cada vez mais à certeza de que a guerra irá continuar. À medida que cada elemento novo, não confrontável pelo Homem, é adicionado aos elementos que não foi capaz de confrontar até então, o Homem envolve-se numa cada vez menor capacidade de lidar com a guerra.

Estamos aqui a olhar para a anatomia básica de todos os problemas. Eles começam com a incapacidade de confrontar alguma coisa. Quer apliquemos isto às discussões domésticas, aos insetos, aos depósitos de lixo ou a Picasso, pode-se sempre buscar o início de qualquer problema existente na falta de disposição para confrontar.

Tomemos uma cena doméstica. O marido ou a esposa não pode confrontar o outro, não pode confrontar as consequências da segunda dinâmica*, não pode confrontar os encargos económicos, tendo, assim, um conflito doméstico. Quanto menos qualquer desses é verdadeiramente confrontado, mais um problema se tornará.

É uma verdade banal que nunca se resolve coisa alguma ao fugir dessa coisa. Certamente pode também dizer-se que oferecer o peito às balas de canhão nunca resolve nada. Asseguro, porém, que se ninguém se importar que as balas de canhão sejam ou não disparadas, o controlo das pessoas pela ameaça das balas de canhão cessará.

Lá em Skid-Row², onde existem marginais para manter a polícia ocupada, não podemos encontrar um Homem cujas dificuldades básicas, cuja derrocada, não possa ser logo relacionada a uma incapacidade de confrontar. Uma vez um criminoso que veio até mim tinha todo o lado direito paralisado. No entanto, este Homem vivia de se dirigir às pessoas num beco, batendo-lhes e roubando-as. Ele não podia relacionar a razão por que atingia as pessoas com seu lado e braço paralisados. Desde a infância que tinha sido educado a não confrontar os homens. O mais perto que podia chegar quanto a confrontar homens era batendo-lhes, daí sua carreira criminal...

*segunda dinâmica: impulso para a sobrevivência através de sexo e crianças. As dinâmicas são impulsos para a sobreviver como e através de si próprio (primeira dinâmica), sexo e crianças (segunda dinâmica), grupos (terceira dinâmica), humanidade (quarta dinâmica) todas as formas de vida (quinta dinâmica) o universo físico, matéria, energia espaço e tempo, (sexta dinâmica), espíritos ou pensamento (oitava dinâmica), e o Ser Supremo, O Criador, Infinito oitava dinâmica).

² Skid Row, oficialmente conhecida como Central City, é uma área na Baixa de Los Angeles. Segundo o censo de 2000, a população do distrito era de 17 740. A área possui uma das maiores populações de pessoas sem-teto nos Estados Unidos.

Quanto mais o horror do crime for endeusado pela televisão e imprensa públicas, menos a sociedade será capaz de lidar com o crime. Quanto mais terrível for tornada a delinquência juvenil, menos a sociedade será capaz de tratar a delinquência juvenil.

Na educação, quanto mais secreta e difícil é tornada uma matéria, menos o estudante será capaz de manejar a matéria. Quando um assunto é tornado excessivamente espantoso pelo instrutor, mais o estudante se afasta dele. Havia, por exemplo, alguns antigos estudos mentais europeus tão complicados e incompreensíveis, e semeados de tal falta de entendimento do Homem, que nenhum estudante tinha a possibilidade de confrontá-los.

O homem encontra-se hoje, em grande parte, neste estado quanto ao espírito humano. Durante séculos o Homem foi educado para acreditar em demónios, vampiros e coisas que surgem no meio da noite. Havia uma organização no sul da Europa que se aproveitava deste terror e fazia os demónios e diabos tão terríveis que por fim o Homem não podia nem sequer enfrentar o facto dos seus semelhantes terem alma. E assim entrámos numa era totalmente materialista. Com os ensinamentos passados segundo os quais ninguém pode confrontar o "invisível", religiões vindicativas procuraram avançar para uma posição de controlo preponderante. Naturalmente fracassaram no seu objetivo, e a ausência de religião tornou-se a ordem do dia, abrindo desta forma a porta ao comunismo e a outras idiotices. Embora possa parecer verdade que uma pessoa não pode confrontar o invisível, quem disse que um espírito era sempre invisível? Digamos antes que é impossível ao Homem ou a seja ao que for confrontar o inexistente, e assim, quando se inventam deuses inexistentes e se lhes dão papéis nos costumes da sociedade, descobrimos que o Homem se torna tão degradado que nem sequer pode confrontar o espírito dos seus semelhantes, e muito menos tornar-se moral.

O confronto é um assunto em si mesmo muitíssimo interessante. Na verdade, há algumas provas de que as figuras de imagem mental só acontecem quando o indivíduo é incapaz de confrontar as circunstâncias da imagem. Quando isto se conjuga e o Homem fica incapaz de confrontar seja o que for, seja onde for, pode considerar-se que tem imagens de tudo em todo o lado. Isto foi provado através de um teste muito interessante feito por mim em 1947 quando descobri que, se se pudesse levar um indivíduo a "percorrer um elo" de alguma coisa que acabava de ver, percorrer outro elo de alguma coisa que acabava de ouvir e percorrer um elo adicional de alguma coisa que acabava de sentir, após algum tempo ele seria capaz de manejar imagens muito mais graves na sua mente. Descobri, embora não o tenha interpretado totalmente nesse momento, que um indivíduo, quando pode confrontar todas as imagens, já não tem imagens, sendo desta forma capaz de confrontar tudo quanto fez, não sendo mais perturbado pelas coisas que fez. A apoiar isto, ver-se-á que os indivíduos que progridem na capacidade de manejar imagens não terão finalmente imagens em absoluto. A isto chamamos um Claro.

Um Claro no sentido absoluto seria alguém que pudesse confrontar fosse o que fosse, tudo no passado, no presente e no futuro.

O manejo dum problema parece ser simplesmente o aumento da capacidade de confrontar o problema e, quando este pode ser totalmente confrontado, não mais existe. É estranho e miraculoso. As dificuldades do Homem são um composto das suas covardias. Para ter dificuldades na vida basta começar a fugir da função de viver. Depois disso, surgem seguramente problemas de magnitude

insolúvel. Quando os indivíduos são impedidos de confrontar a vida, obtêm como resultado uma vasta capacidade de ter dificuldades com ela.

Várias características nervosas podem ser imediatamente localizadas ao tentar o confronto com algo de que se insiste em fugir. Uma mão nervosa, por exemplo, seria aquela com a qual o indivíduo está a tentar confrontar algo. O movimento de avanço do nervosismo seria o esforço de fazê-la confrontar; o movimento de recuo seria a sua recusa de confrontar. Certamente, o erro básico é confrontar com a mão.

O mundo nunca é brilhante para os que não podem confrontá-lo. Tudo é dum cinzento enfadonho para um exército derrotado. Toda a artimanha de alguém lhe dizer "ali tudo é mau" está contida no facto de estar a tentar impedi-lo de confrontar algo e, desse modo, fazê-lo retirar-se da vida. Óculos, tiques nervosos, tensões, todas essas coisas resultam duma indisposição para confrontar. Quando essa disposição é restabelecida, tais incapacidades tendem a desaparecer.

DA ORDEM

Quando você começa a introduzir ordem em alguma coisa, a desordem aparece e esvai-se, portanto, os esforços para pôr ordem na sociedade ou em qualquer das suas partes, irá sempre produzir desordem durante algum tempo.

O segredo é continuar a pôr ordem, em breve a desordem desaparece, e resta uma atividade ordeira. Porém, caso você odeie a desordem e combata apenas a desordem, jamais tentará trazer ordem a alguma coisa, pois a desordem resultante quase o levará à loucura.

Somente se pudermos ignorar a desordem e compreender este princípio, teremos a possibilidade de ter um mundo a funcionar.

DO CARÁCTER HUMANO

No passado, o conhecimento do seu próprio carácter era facto intragável para o Homem, visto as pessoas procurarem forçá-lo a atingir tal conhecimento unicamente através da condenação (censura). Ele resistiu ao que era e tornou-se naquilo a que resistiu; e, sempre numa espiral descendente, chegou a esferas mais baixas. Se ao menos uma vez um Homem entendesse com exatidão o que ele é, se entendesse o que os outros buscaram fazer dele, se pudesse atingir este conhecimento com grande certeza, não existiriam correntes suficientemente fortes para o impedir de escapar, pois tal seria seu espanto que venceria feras, deuses e o Lúçifer em pessoa, para se tornar algo melhor do que já tinha contemplado no seu próprio coração.

A única tragédia no meio de tudo isto é ter faltado o Homem um método de formar com certeza um juízo sobre si mesmo, a fim de saber o que é que estava a tentar melhorar.

O impulso básico do Homem é produzir um efeito.

Em seres relativamente altos em tom emocional, na faixa mais elevada do Homem e acima, o impulso é produzir algo do nada. Só se pode causar um efeito criativo fazendo nada tornarem-se alguma coisa.

Mais baixo na escala de tom*, o efeito mais desejado é converter algo em nada. A faixa geral do Homem ocupa esta área da escala.

O Homem, nas faixas mais baixas, está inteiramente dedicado às metas do corpo em si. O corpo, para existir, precisa de converter algo em nada. Isto, como ilustração mais simples, é a meta de comer. Comer pode ou não ser necessário à vida; pode nem ser necessário ao corpo. Em Para-Cientologia**, existe alguma evidência de que no estômago um dia se produziu energia de vida suficiente para motivar o corpo sem mais "comida", mas o corpo do Homem e dos animais em geral, não está hoje em dia equipado desse modo, e disso estamos bem certos.

O único esforço do corpo para fazer algo do nada reside no sexo; e nesta cultura, nos nossos tempos, o sexo é coisa degradada e sórdida que, na melhor das hipóteses, precisa ser escondida, os bebés são algo para não ter, mas para serem evitados. Assim sendo, até o sexo foi feito corresponder ao impulso de converter algo em nada.

Exatamente como o corpo, através de comer, procura converter algo em nada, a trajetória geral do Homem na sua conversação e relacionamento interpessoal, também busca converter em nada uma amizade, conhecidos, a si mesmo, a arte e todas as outras coisas. Muito mais prontamente aceita uma declaração ou notícia que reduza algo cada vez mais a nada, do uma história que levante algo

* É a escala de tons emocionais que vão da morte, lá em baixo, subindo através da apatia, pranto, medo, hostilidade encoberta, raiva, antagonismo, tédio, contentamento, conservantismo, até entusiasmo, em cima. Existem, na verdade, tons mais altos, mas não precisam ser nomeados aqui.

** Qualquer parte da Cientologia que exceda a realidade dum indivíduo em qualquer momento dado

de um relativo nada para algo mais elevado. Desse modo, descobrimos que conquistas científicas para o bem do Homem ocupam as últimas páginas dos jornais, e as histórias de assassinatos e amantes, guerras e pragas, ganham o primeiro lugar.

O Homem, na sua presente forma, é mantido no caminho da sobrevivência unicamente pela sua cultura. Esta cultura foi posta em ação pela força bruta. A maioria dos homens está a sobreviver contra a sua própria vontade. Está a trabalhar contra os seus próprios desejos; e quando possível e sempre bem encobertamente, procura sucumbir.

O universo físico poderia ser chamado de universo de Amor/Ódio, por serem estes dois os traços mais ostensivamente exibidos; nem um nem outro tem qualquer grande atitude, embora muitos clamem que o amor é tudo e que está lá no alto da escala de tom, o que não é verdade.

Para viver o Homem tem que comer. Sempre que come, não importa a bondade do seu coração ou a sua disposição, algo precisa ter morrido ou morrer, mesmo que sejam só células. Para comer, então, é preciso ser capaz de provocar morte. Se comer é motivado por morte, então a digestão seria tão boa quanto a permissão de matar. As digestões são más nesta sociedade. O ato de matar é evitado de forma degradada e encoberta; e o Homem come apenas as coisas que, não só foram mortas noutro lugar e longe da vista, mas que também encontraram a morte, garantida por um cozimento abrasador. Matar, mesmo que alimento, está hoje muito acima da capacidade da maioria na nossa cultura.

Poderia dizer-se que as características do amor são Não-matar, dificuldade estomacal, fome mas não podendo comer, trabalho, fluxos, forte ênfase em afinidade, realidade e comunicação e sexo inibido. Poderia dizer-se que ódio como personalidade se caracteriza, pelo menos no nível do pensamento, por matar, dificuldade intestinal, fome mas comendo às escondidas, nenhum trabalho, contenção, afinidade, realidade e comunicação fingidas, e sexo imposto. São duas classes de personalidade. Muitas pessoas são compostas de ambas.

O pensamento do Homem é largamente originado de um impacto, e não é livre. É um esforço para saber antes de saber, equivalendo a dizer, impedir um futuro. O fenómeno de ir para o passado é simplesmente o fenómeno de tentar recolher o conhecimento adquirido pela força e impacto, e mantido após o evento, e colocá-lo antes do evento para impedir a coisa que já aconteceu. "Se ao menos eu tivesse sabido", é uma frase comum. Isto fica suficientemente mau para levar o Homem a desejar saber antes de olhar para alguma coisa pois, no seu estado degradado, é perigoso não só usar a força, não só usar a emoção, não só pensar, mas também perceber as coisas que o fazem. Daí a predominância de óculos nesta sociedade.

O corpo, e isso significa logicamente o Homem nesta cultura, precisa de uma razão para tudo. O que tem mais razão é o corpo. Uma razão é uma explicação, o modo como o Homem a interpreta; ele tem que se explicar a si próprio e explicar cada ação. O Homem acredita que tem que ter força, mas recebe força, que tem que não perceber ou ser percebido, que tem que matar, mas não ser morto, que tem que não ter emoções, que tem que ser capaz de destroçar a destruição, sem a receber. Ele não pode ter dores; deve evitar o trabalho e fingir que o trabalho que faz tem uma meta definida. Tudo o que vê, sente que tem que ter sido criado por qualquer outra coisa, e que ele próprio não deve criar. Tudo tem uma criação anterior à sua própria. Todas as coisas devem ser baseadas em coisas anteriores. Desse modo, evita a responsabilidade por tudo o que fizer, e por qualquer destruição que possa criar.

Este animal equipou-se com armas de destruição bem superiores às suas armas curativas e, nesta imitação de tom baixo, geme, alegando estar a reproduzir santidade e devoção; entretanto, desconhece qualquer sentido de Ética, podendo apenas seguir a moral. É um animal de carne, uma coisa dentro da camisa-de-forças da polícia, feito para sobreviver, feito para permanecer em obediência, feito para executar o seu dever e desempenhar a maior parte dele sem alegria e sem, coitado dele, sequer verdadeiro sofrimento. É um animal de carne; algo para ser comido. Precisa ser ajudado, precisa aprender onde está e observar melhor.

Na época atual, a covardia é a postura social aceite; a auto-abnegação é a forma apropriada de abordagem; a indecência às escondidas é o método apropriado de sobrevivência.

Pode ser que esta minha exposição produza uma sólida convicção. Felizmente, embora estes dados sejam baseados em larga experiência com o Homem, particularmente nos últimos anos, bem como durante uma guerra terrível e catastrófica, a minha explanação do caso não tem de ser aceite; na Cientologia temos os processos que manifestam a exatidão desta observação a respeito do carácter humano.

PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Existe uma regra básica segundo a qual uma pessoa psicótica está preocupada com o passado; uma pessoa neurótica mal pode manter-se no presente; e uma pessoa sadia está interessada no futuro.

Esta divisão poderia ser feita mais especificamente entendendo que o neurótico mal pode confrontar o presente; porém o muito, muito, muito sadio confronta inteiramente o presente e tem muito pouca preocupação com o futuro, sendo suficiente competente no manejo do presente para deixar o futuro agir por si próprio. Olhar para o passado e olhar para o futuro extremo, ambos são esforços para evitar o tempo presente, e esforços para olhar para outro lugar, em vez de para algo.

Você já conheceu pessoas que responderão com um assunto inteiramente diferente ao serem interrogadas sobre alguma coisa; quando consultadas a respeito do tempo, responderão algo a respeito do meteorologista. A incapacidade de olhar para algo torna-se manifesta pensando primeiro antes de olhar; e depois o alvo real para o qual se deveria estar a olhar é cada vez mais evitado até estar inteiramente escondido num tumulto de complicações.

Evitar da realidade é simplesmente evitar o tempo presente.

Um indivíduo que não pode olhar para o universo físico, olha, ou para frente, para o futuro, ou para trás, para o passado. Uma das razões por que isto é feito é, para começar, haver insuficiente ação no presente e, depois, esta sede de ação desenvolve-se numa incapacidade de ação, e ele decide que tudo deve ser mantido num estado constante e procura impedir a ação. Isto também se aplica à dor. As pessoas que estão um tanto fora de tempo presente têm pavor da dor; e as pessoas que estão verdadeiramente fora de tempo presente, como num estado psicótico, têm uma reação súbita (revulsão) em direção à dor que não poderá ser descrito. Uma pessoa inteiramente no tempo presente não está muito preocupada com a dor.

Evitar o trabalho é um dos melhores indicadores dum estado de decadência duma personalidade. Existem dois denominadores comuns para todas as personalidades aberradas; uma é um horror ao trabalho, e outra é um horror à dor. As pessoas só levemente fora de tempo presente, o que quer dizer, as pessoas classificadas como "sãs", já começaram a desculpar-se quanto ao trabalho na medida em que trabalham visando uma recompensa final, e já não considerarem que o resultado do esforço em si e a realização de coisas, são por si só uma recompensa suficiente. Assim sendo, toda a gratidão ou admiração torna-se a paga necessária pela energia despendida. A exigência paternal de gratidão é com frequência refletida numa pessoa seriamente aberrada, a quem foi dado sentir que jamais poderia reparar os enormes favores concedidos a ele pelo trabalho que lhe foi prestado pelos pais. Na verdade, não precisam ser pagos por isso, pois, exatamente, se não foi recompensa suficiente ter o trabalho de criá-lo, estão mais do que pagos; por outras palavras, não poderiam aceitar pagamento.

Tomando a pessoa muito, muito sã em tempo presente, um declínio da sua sanidade seria marcado por uma mudança de interesse no tempo presente para um avassalador interesse no futuro, o que declinaria num considerável planejamento para o futuro a fim de evitar males que pudessem acontecer nesse futuro, para depois se esquivar do futuro devido a incidentes dolorosos, até um tremido e ténue encosto ao tempo presente, e, então, evitar não só o futuro como o tempo presente, mudando para o passado. Este último seria um estado psicótico.

Apega-se às coisas do passado sob o postulado de não deverem acontecer no futuro. Isto prende a pessoa no passado.

Inação e indecisão no presente devem-se ao medo das consequências do futuro. Em Cientologia, esta condição num indivíduo pode ser remediada de modo a poder encarnar o tempo presente mais confortavelmente.

JOGAR O JOGO

A mais alta atividade é jogar um jogo. Quando o tom é alto, sabemos que é um jogo. À medida que se desce na escala de tom, tornamo-nos cada vez menos cientes do jogo.

A maior capacidade do pensamento é a DIFERENCIAÇÃO. Enquanto podemos diferenciar, estamos sãos. O seu oposto é IDENTIFICAÇÃO.

A definição legítima de sanidade é a "capacidade de diferenciar o certo do errado".

Portanto, a mais alta capacidade ao jogar um jogo seria a de saber as regras do certo e errado daquele jogo particular. Como todo o certo e errado são considerações, e como o jogo em si é uma consideração, jogar o jogo requer uma alta capacidade de diferenciação; particularmente, requer uma capacidade de conhecer as regras, assim como as regras certas e as regras erradas.

Quando um indivíduo é propenso a identificar, não mais é capaz de diferenciar as regras-certas das regras-erradas; e as regras-certas tornam-se erradas, as regras-erradas tornam-se certas, e temos um criminoso.

Um criminoso não pode jogar o jogo da sociedade. Joga, então o "jogo" chamado de "policias e ladrões".

Uma pessoa que identifica fortemente, não necessariamente é criminosa, mas está, com certeza, com dificuldade em jogar o jogo da sociedade. Em lugar de jogar aquele jogo, "fica cansada", "fica doente". Ela provoca estas coisas porque não quer jogar o jogo social. Tem uma espécie de "jogo" na "hipocondria".

Ora, se tivéssemos uma cultura que operasse um jogo de não-jogo para qualquer um, uma cultura que, por si só, não tivesse nenhum jogo para todos jogarem, uma cultura que tivesse no seu governo uma fixação em impedir qualquer um de jogar o jogo que ELES quisessem jogar, teríamos, como manifestação, toda espécie de males curiosos, como os descritos em várias ideologias como o Capitalismo ou o Comunismo. O jogo do governo seria apenas "Pare de jogar o SEU jogo". O grau de sanidade do governo seria a medida em que permitisse forte e ativa participação no jogo do governo, no jogo de jogar o nosso jogo.

Mas se as pessoas que não podem jogar o jogo não poderem diferenciar, também uma pessoa sã se poderia achar muito confusa ao fazer parte dum jogo que não estabelecesse diferenciação, e onde as regras do correto e do errado não estivessem claramente definidas. Desse modo, um governo sem códigos e jurisprudência exatos e precisos, descobriria nos seus cidadãos uma incapacidade de jogar o jogo, não importa quão sãos eles fossem.

Consequentemente o jogo pode ser louco e os seus jogadores sãos, ou os jogadores podem ser loucos e o jogo são. Qualquer dessas condições afetaria a outra. Quando temos jogadores loucos e um jogo louco como produto final de um ou outro dos dois desequilíbrios acima, obteremos qualquer coisa, exceto um jogo. Obteremos o caos.

Como exemplo útil da capacidade de diferenciar, tomemos pessoas incapazes de ver algo errado em assuntos caluniosos. Temos aqui pessoas que não veem diferença. Não diferenciam. Não diferenciam por não verem nenhum jogo. Não veem nenhum jogo porque não podem jogar um jogo. Ou, habituados a uma estrutura social sem regras do certo ou errado, perderam o seu padrão de julgamento.

LIBERDADE VERSUS ARMADILHA

Na Grécia, Roma, Inglaterra, América Colonial, França e Washington, é travada grande quantidade de conversações sobre o assunto da Liberdade. Aparentemente, Liberdade é algo muito desejável. Na verdade, a Liberdade é vista como meta duma nação ou dum povo. Da mesma maneira, se estamos a restaurar a capacidade de uma pessoa, precisamos de restaurar Liberdade. Se não restaurarmos a Liberdade, não poderemos restaurar a capacidade. O lutador corpo a corpo musculoso, o motorista tenso, o piloto de foguete com tempo de reação congelado, não são igualmente capazes. A sua capacidade reside num aumento de Liberdade, numa liberação de tensão e uma melhor comunicação com o seu ambiente.

A principal dificuldade da Liberdade é que não tem uma anatomia. Algo que é livre, é livre. Com fios, vias, atalhos ou represas, isso não é livre; o que é livre, é simplesmente livre. Existe algo mais sobre Liberdade que é intensamente interessante: ela não pode ser eliminada.

Você pode ser capaz de concentrar a atenção de alguém em algo que não é livre e assim levá-lo a um estado de crença de que a Liberdade não existe, mas isso não significa que você eliminou a Liberdade do indivíduo. Não o fez. Toda a Liberdade que alguma vez teve ainda lá está.

Além disso, a Liberdade não tem quantidade e, por definição, não tem localização no espaço ou no tempo. Assim vemos o indivíduo (espírito, alma) como a coisa potencialmente mais livre que poderia existir. Por conseguinte, o Homem concentra-se na Liberdade.

No entanto, se a Liberdade não tem anatomia, então explique, por favor, como atingir algo que não pode ser inteiramente explicado. Se alguém fala de um “caminho para a Liberdade”, está a falar de um traço linear. Então, isto precisa ter fronteiras. Se há fronteiras, não há Liberdade.

Converse com uma pessoa que trabalha das oito da manhã às cinco da tarde, sem metas, sem futuro, sem crença na organização e seus propósitos, a quem são exigidos pagamentos com data determinada, aluguer e outras barreiras tipo económico, que investe todo o seu salário assim que lhe é pago, e terá um indivíduo que perdeu a noção da Liberdade. Ele concentra-se tão profundamente nas barreiras, que a Liberdade tem que ser em termos de menos barreiras.

Em muitos casos a vida tende para uma estupidez em que a pessoa não é ciente um desastre até ele ter ocorrido. O fazendeiro do oeste médio tinha uma boa frase para isto! “Casa roubada trancas à porta”. Seria preciso um desastre para educar as pessoas quanto à existência de tal desastre. É a educação pela dor, por impacto, por punição. Portanto, uma população que está diante dum desastre imediato que iria obliterar o globo, não teria a oportunidade de aprender muito sobre o globo antes de ele ser obliterado. Assim, se insistíssemos em aprender pela experiência com o fim de impedir tal desastre, nunca teríamos oportunidade de o fazer. Se nenhuma bomba atômica de nenhuma espécie tivesse sido largada na Segunda Guerra Mundial, seria provável não existir a mais leve preocupação com a fissão atômica, embora a fissão atômica pudesse ter sido desenvolvida ao ponto de poder fazer explodir o planeta sem nunca ser usada contra o Homem, e depois, este demolidor-de-planetas, ser usado na terra, destruindo-a.

Se uma pessoa não soubesse o que é um tigre e desejássemos demonstrar-lhe que não há tigres presentes, passaríamos um mau bocado. Estamos aqui livres de tigres sem conhecer coisa alguma sobre tigres. Antes de podermos compreender a ausência de tigres, teríamos de compreender a sua presença. Este é o processo de aprendizagem conhecido como “experiência”.

Para saber algo, e se vamos usar métodos educacionais, então é necessário conhecer também seu oposto. O oposto de tigres existe provavelmente nas selvas da Malásia onde os tigres são tão frequentes que sua ausência seria, de facto, uma novidade. Um país que fosse totalmente infestado de tigres poderia não compreender absolutamente a ideia da não existência de tigres. Nalgumas partes do mundo, grande quantidade de argumentação teria de ser travada com a população duma área com abundância de tigres, para fazê-la conseguir uma vaga ideia do que seria uma ausência de tigres.

A compreensão de Liberdade é, então, um tanto complexa, por isso, os indivíduos que não a possuem, provavelmente não a podem compreender.

No entanto. O oposto de Liberdade é escravidão, e todos sabem disso, ou não? Não penso que estas duas coisas são uma dicotomia. Liberdade não é o positivo duma condição em que escravidão é o negativo, a não ser que estejamos a tratar unicamente dum organismo político. Quando estamos a lidar com o indivíduo, é necessária uma melhor terminologia, e uma melhor compreensão da anatomia da Liberdade-negativa.

Liberdade-negativa é uma armadilha. Liberdade é a ausência de barreiras. Menos liberdade é a presença de barreiras. Completa Liberdade-negativa seria a onnipresença de barreiras. Uma barreira é matéria, ou energia, ou tempo, ou espaço. Quanto mais matéria, energia, tempo ou espaço assumir o comando do indivíduo, menos Liberdade aquele indivíduo terá. Isto é melhor compreendido como armadilha, visto a escravidão implicar uma intenção, e armadilha poder ser considerada quase sem intenção. Uma pessoa que cai num alçapão-para-ursos, poderá não ter absolutamente pretendido cair ali, e um alçapão-para-ursos poderá não ter pretendido que uma pessoa caísse nessa esparrela. No entanto, caiu na armadilha. A pessoa está na armadilha-para-ursos.

Se desejamos compreender a existência e nela a nossa infelicidade, precisamos de compreender a armadilha e a sua mecânica.

Em que esparrela é que uma pessoa pode ser apanhada? Básica e primeiramente, pode se apanhada por ideias. Em vista do facto de liberdade e capacidade poderem ser vistas um tanto como sinónimos, então ideias de incapacidade são, antes de mais nada, uma armadilha. Ouso dizer que, entre os homens, aconteceu o incidente em que a pessoa estava sentada num puro vazio na crença total de estar completamente aprisionada por uma cerca.

Temos o incidente mencionado no Autoanálise (livro de L. Ron Hubbard) sobre a pesca no Lago Tanganica, onde os raios do sol, sendo equatoriais, penetram ardentes até ao fundo do lago. Os nativos pescam ali amarrando umas ripas de madeira a um fio comprido. Pegam nas extremidades deste fio, põem-nas em canoas e depois remam para a praia, esticando entre as canoas o fio com as ripas. O sol, brilhando para baixo, projeta as sombras das barras para o fundo do lago e, assim, uma gaiola de sombras move-se para dentro em direcção ao baixio. Os peixes, vendo esta gaiola, composta de nada mais que ausência de luz, contrair-se sobre eles, debatem-se freneticamente nos baixios onde não podem nadar, e são desse modo apanhados em cestos e cozinhados. Não havia nada de que ter medo, apenas sombras.

Quando sai da mecânica, o Homem encontra-se em terreno incerto. A noção de que as ideias poderiam ser tão fortes e penetrantes, é estranha para a maioria dos homens.

Então, primeiro que tudo temos a ideia. Depois, elas próprias como produtos de ideias, temos as mais óbvias mecânicas da armadilha na matéria, energia, espaço e tempo.

A anatomia da armadilha é interessante, e é a razão pela qual as pessoas caírem nela. De facto, a mecânica completa da armadilha é agora conhecida. Em Cientologia, foi empreendida grande quantidade de experimentação para determinar os fatores que resultaram em armadilhas, e foi descoberto que a resposta a todo o problema foi a comunicação-nos-dois-sentidos.

Grosso modo, as leis disto são: uma fixação ocorre na presença de comunicação-num-só-sentido. A fixação só acontece quando não foram dadas ou recebidas respostas às coisas que nos estão a apanhar.

Poderíamos dizer que a única armadilha existente é a espera por uma resposta.

Armadilha é o oposto de Liberdade. Uma pessoa que não é livre está numa armadilha. Pode estar apanhada por uma ideia; pode estar apanhada por matéria, pode estar apanhada por energia, espaço ou tempo; ou pode estar apanhada por todas elas. Quanto mais completamente uma pessoa está apanhada, menos livre é. Não pode mudar, não pode mover-se, não pode comunicar, não pode sentir afinidade e realidade. Poder-se-ia dizer ser a própria morte a suprema armadilha do Homem, pois quando um Homem está totalmente armadilhado, está morto.

As partes componentes da Liberdade, como a vimos primeiro, são então: Afinidade, Realidade e Comunicação que resultam em Compreensão. Uma vez alcançada a compreensão, a Liberdade é obtida. Para o indivíduo que está inteiramente enleado nas mecânicas da armadilha, é necessário restaurar-lhe comunicação suficiente, para permitir a sua ascensão a um estado mais alto de compreensão. Uma vez conseguido, a sua armadilha terminou.

Uma maior Liberdade pode ser atingida pelo indivíduo. Desejará maior Liberdade desde que tenha algum vislumbre dela. E a Cientologia orienta o indivíduo para fora das primeiras áreas de armadilha até ao ponto onde pode obter níveis mais elevados de Liberdade.

JUSTIÇA

O que é a justiça?

“A qualidade de misericórdia não é coagida, ela goteja como branda chuva do céu...”, pode ser poético, mas não é definitivo. Contudo, demonstra que, mesmo nos tempos de Shakespeare, os homens estavam sem rumo em matéria de justiça, injustiça, severidade e misericórdia.

As pessoas falam duma ação como injusta ou duma ação como justa. O que querem elas dizer? No entanto, a menos que possamos compreender exatamente o que estes termos querem dizer, certamente não poderemos intentar a avaliação das ações dos indivíduos, comunidades e nações. Pela falta de capacidade de assim avaliar, surgem mal-entendidos que, no passado, levaram a combater relações pessoais e, no cenário internacional, à guerra. Um indivíduo ou nação deixa ou recusa-se a compreender as medidas tomadas por outrem, ou deixa de se enquadrar no acordo do modelo com o qual os outros estão acostumados, e o resultado é o caos.

Em Cientologia, existem agora as seguintes definições:

JUSTIÇA – A administração imparcial das leis da terra, conforme o nível existente da relação severidade/misericórdia do povo.

LEIS – As concordâncias codificadas do povo, cristalizando os seus costumes e representando as necessidades de conduta em que acreditam.

MISERICÓRDIA – Um abrandamento da aceitação pelo público da disciplina para garantir sua segurança mútua.

SEVERIDADE – Um aumento da disciplina considerada necessária pelo povo para garantir sua segurança.

INJUSTIÇA – Falha em administrar a lei existente.

EQUIDADE – Qualquer procedimento civil, responsabilizando cidadãos por cidadãos, o que apresenta às pessoas decisões, de acordo com a expectativa geral em tais casos.

DIREITOS – Os privilégios da Cidadania conforme códigos existentes.

Quando as leis não derivam de costumes ou quando uma nova lei infringe uma lei antiga não cancelada, a lei exata torna-se confusa e, então, é inevitável a injustiça.

A Justiça Básica só pode ocorrer quando existe uma lei codificada ou costume mantido pela maioria.

Observando estas definições, só então se torna possível a jurisprudência. Os Tribunais, legislatura e legislação, tornam-se confusos, pois nada é possível na ausência duma compreensão de tais princípios.

Leis que não derivam da concordância entre a sociedade, ao que chamamos de costumes, são inexecutáveis, a não ser que haja uma concordância generalizada de que isto é costumeiro na sociedade. Não importa quantos polícias são empregados, não importa a pureza da prosa com que a legislação é escrita, não importa as assinaturas apostas no documento vinculativo, o público não obedecerá àquela lei. Similarmente, quando um governo age ignorando certos costumes básicos entre o povo e se recusa a impô-los, esse governo encontra-se, então, num estado de tumulto civil com seu povo, naquele assunto. Podemos

observar que qualquer batalha do público com o governo surge exatamente duma violação destes princípios.

Uma compreensão da parte duma nação, das dificuldades de outra, é necessária para uma paz continuada. Quando uma nação começa a entender mal os motivos e justiças concebidas como necessárias por outra nação, a tensão instala-se, levando por fim à guerra, com bastante frequência.

Quando quer que exista uma comoção excessiva do povo contra seu governo, o governo então é convidado a agir como oponente do povo. Se um governo está a agir com o seu povo como se fosse seu oponente e não um membro da equipa, torna-se óbvio que devem existir muitos destes pontos nos códigos legais do país que violam os costumes do mesmo povo. Onde quer que exista tal ponto, o resultado é turbulência.

E Justiça é isso.

OS VOCABULÁRIOS DA CIÊNCIA

Em todos os sistemas científicos, temos um número de palavras código que operam como veículos de comunicação, e quando uma pessoa não conhece estas palavras, tem dificuldades com a própria ciência. Eu vi um doutorado em ciência despenhar-se quanto à sua compreensão duma parte mais recente de ciência, porque, para começar, nunca tinha entendido bem a nomenclatura. Não sabia exatamente o que era uma Unidade Termal Britânica, ou algo parecido. Portanto, mais tarde, ao tentar resolver um problema vasto e complicado, há um dado deambulando na sua mente que não é estável, em absoluto, está a ficando confuso, está misturado com todos os outros dados. É só porque, em primeiro lugar, não compreendeu o que o termo significava.

Desse modo, tal como a aprender sinais semafóricos, tal como a aprender o Código Morse, tal como a aprender a fala de bebê, também, ao sermos versados nalguma matéria especializada em particular, precisamos de ser versados na sua terminologia. Então, a compreensão aumenta. Doutro modo, a compreensão é impedida pelas palavras batucando à sua volta, não se ligando a coisa nenhuma. Se você sabe vagamente que tal e tal palavra existe e, no entanto, não tem uma compreensão definida do seu significado, ela não se alinha. Assim, um mal-entendido quanto a uma palavra, pode causar o desalinhamento dum assunto e isto, realmente, é a base da confusão primordial do Homem na compreensão da mente.

Tem havido tantas palavras designadas para várias partes da mente, que ficaríamos atordoados se meramente catalogássemos todas essas coisas. Tome-mos, por exemplo, a tremenda experiência e tecnologia da psicanálise. Material esmagadoramente complicado, na maioria meramente descritivo, parte sendo terminologia de ação como o censor, o id, o ego, o alter-ego e tudo mais. A maioria destas coisas alinhada, cada uma significando uma coisa específica. No entanto, os profissionais que começaram a estudar esta ciência, não tinham uma boa fundamentação nas ciências exatas, por outras palavras, não tinham um modelo das ciências exatas. E, na humanística, podiam ser tão descuidados quanto quisessem as com suas palavras, porque não se esperava que a humanística fosse precisa ou exata, isto não é uma crítica, significa simplesmente que você podia ter menor comando da linguagem.

Quando entraram no estudo de Freud, entraram nesta coisa interessante: o id era uma coisa para uma pessoa, e para outra era algo diferente. E alter-ego isto e aquilo. Ali, a confusão de termos, praticamente, só por si própria, tornou-se a totalidade da confusão da psicanálise.

Na verdade, certamente a psicanálise é tão fácil de compreender como o japonês. O Japonês é fala de bebê, muitíssimo difícil de ler, muitíssimo difícil de falar. Se puder imaginar uma linguagem que lhe diz qual o sujeito, qual o verbo, qual o complemento, sempre que fala, você poderá imaginar ser esta espécie de linguagem infantil. Uma linguagem que não tem várias classes ou conjugações de verbos. Uma espécie muito pálida de linguagem. Não obstante, consiste meramente, a fim de comunicar com um japonês, em saber o significado de certas palavras; e se souber os significados daquelas palavras com precisão, então, quando um japonês vem para você e diz "Você quer uma chávena de chá?" você não se levanta imediatamente, porque pensou que ele disse "Tinta fresca". Você tem uma possibilidade de comunicação

Bem, similarmente com a linguagem da psicanálise, as grandes dificuldades inerentes à compreensão de uma coisa como a psicanálise, tornaram-se muito menos difíceis quando se viu a psicanálise como um sistema de códigos para transmitir certos significados. Desse modo, não se tornaram um problema quanto a estes fenômenos existirem ou não. Tornaram-se simplesmente um problema de palavras significando uma certa coisa precisa. Se significassem esta coisa para todos, então as pessoas estariam a falar de psicanálise; e caso não significassem esta coisa para todos, aí não estariam falando de psicanálise. Quem sabe do que estariam a falar? O que se sabe a seguir é que estariam a falar de Junguianismo³, e a seguir estariam a falar de Adlerianismo⁴, e a diferença entre estes vários itens é diminuta, para dizer o mínimo. Porém as dificuldades de linguagem, então, fizeram muitos profissionais daquele ramo entrar em desavença com a teoria, a qual, de qualquer modo, não compreendiam.

Lembro-me duma vez ter apreendido Igoroti, uma língua Oriental primitiva, numa única noite. Sentei-me ao lado duma lanterna a querosene e apanhei uma lista de palavras feita por um velho missionário nas colinas em Luzon: os igorotis tinham uma linguagem muito simples. Este missionário tinha fonetizado a linguagem deles e feito uma lista das principais palavras, seu uso e gramática. E lembro-me de me sentar debaixo dum mosquiteiro, com os mosquitos a bater famintos com os ferrões por fora do mosquiteiro, e aprendendo esta linguagem, trezentas palavras, apenas memorizando estas palavras e o seu significado. E no dia seguinte comecei a colocá-las em prática com as pessoas, falando igoroti num tempo muito curto.

O ponto aqui é que não é difícil aprender uma língua, se você compreender que está a aprender uma língua.

³ Carl Gustav Jung foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica. Jung propôs e desenvolveu os conceitos de personalidade extrovertida e introvertida, arquétipo e inconsciente coletivo.

⁴ Alfredo Adler (Viena, 7 de fevereiro de 1870 — Aberdeen, 28 de maio de 1937) foi um psicólogo austríaco fundador da psicologia do desenvolvimento individual.

COMO ESTUDAR UMA CIÊNCIA

Tudo o que há sobre uma ciência, no que concerne ao estudante, é ser tão boa ou má na razão direta do seu conhecimento da mesma. Cabe ao estudante descobrir a precisão dos seus utensílios. Antes de começar a discutir, criticar ou tentar melhorar os dados que e ele apresentados, deveria descobrir para si mesmo se a mecânica da ciência é ou não conforme declarado, e se faz ou não o que foi proposto para ela.

Ele deverá formular uma ideia a respeito da cada coisa ensinada na escola. O procedimento, técnica, mecânica e teoria. Ele deverá perguntar a si próprio: Esta parcela dos dados existe? É verdadeira? Funciona? Irá produzir os melhores resultados possíveis no mais curto espaço de tempo?

Geralmente, há dois modos do Homem aceitar as coisas, nenhum deles muito bom. Um é aceitar uma declaração porque a Autoridade diz que é verdadeira e tem que ser aceite. A outra é pela preponderância de concordância de outras pessoas.

A preponderância de concordância é, com demasiada frequência, o teste do público geral de sanidade ou insanidade. Suponhamos que alguém entrasse numa sala cheia de gente e, de repente, apontasse para o teto dizendo "Oh, olhem! Há uma imensa aranha de quatro metros no teto!" Todos olhariam para cima, mas ninguém mais veria a aranha e finalmente alguém lho diria. "Oh, Sim, há", afirmaria ele e ficaria muito zangado quando verificasse que ninguém concordaria com ele. Se continuasse a declarar sua crença na existência da aranha, em breve se encontraria internado.

A definição básica de sanidade, nesta sociedade um tanto nebulosamente ensinada, é se uma pessoa concorda ou não com todas as outras. É um modo muito negligente de aceitar a evidência, porém, com demasiada frequência, a avaliação é feita nesta base.

E então a Regra da Autoridade: "O Dr. J. Silva concorda com sua proposição? Não? Então, com certeza, isto não pode ser verdade. O Dr. Silva é uma autoridade eminente no ramo."

Um Homem chamado Galen dominava a certa altura o campo da medicina. Outro Homem chamado Harvey perturbou a confortável posição de Galen com uma nova teoria sobre a circulação do sangue. Galen tinha estado de acordo com o povo seu contemporâneo a respeito das "marés" do sangue. Eles não sabiam nada sobre a ação do coração. Aceitavam tudo que lhes tinha sido ensinado, e tinham pouca observação própria. Harvey trabalhava na Real Academia de Medicina e descobriu, pela vivissecção, a verdadeira função do coração.

Teve o bom senso de manter algum tempo as suas descobertas em absoluto silêncio. Leonardo da Vinci tinha de algum modo descoberto ou postulado a mesma coisa, mas era "artista louco" e ninguém iria acreditar num artista. Harvey fez parte da audiência duma peça de Shakespeare na qual o dramaturgo fez a mesma observação, mas novamente o sentido de que os artistas nunca contribuem com coisa alguma para a sociedade, impediu a todos, menos a Harvey, de considerar a declaração como algo mais do que ficção.

Finalmente, Harvey fez o seu pronunciamento. Imediatamente, gatos mortos, frutas podres e pedaços de jarras de vinho foram arremessados na sua direção. Ele levantou bastante tumulto no círculo médico e social até, finalmente, em desespero de causa, um médico faz a declaração histórica: "prefiro errar com Galen do que acertar com Harvey!"

O Homem teria um avanço de exatamente zero, caso este tivesse sempre sido o único método de testar a evidência. Porém, de vez em quando, durante o progresso do Homem, tem havido rebeldes nunca satisfeitos com a preponderância de opinião, e que testaram um facto por si mesmos, observando e aceitando os dados da sua observação, tornando depois a testar.

Possivelmente, o primeiro Homem que fez um machado de pedra lascada olhou para uma lasca de pedra e decidiu que a forma irregular poderia ser aparada dum certo modo. Quando descobriu que a pedra podia ser facilmente lascada, deve ter corrido para a sua tribo e tentou entusiasticamente a ensinar aos seus companheiros como fazer machados da forma que desejassem, em lugar de passar meses à procura de quaisquer pedaços de pedra com a forma correta. É provável que tenha sido apedrejado para fora do campo.

Entregando-se a mais um voo de fantasia, não é difícil imaginar que ele tenha finalmente conseguido convencer outro companheiro de que sua técnica funcionava, e que os dois amarraram um terceiro com um pedaço de liana, forçando-o a observá-los a lascar um machado a partir de uma pedra bruta. Finalmente, após convencer quinze ou vinte da tribo através de demonstração forçada, os seguidores da nova técnica declararam guerra ao resto da tribo e, vencendo, forçaram a tribo a concordar, por decreto.

Avaliação de Dados

O Homem nunca soube muito do que a sua mente está principalmente cheia: Dados. O que são dados? O que é a avaliação de dados?

Todos estes anos em que a psicanálise tem ensinado os seus princípios a cada geração de doutores, foi usado o método autoritário, conforme verificado pela leitura de alguns dos livros sobre a matéria. Neles encontramos, interminavelmente, "Freud disse..." A coisa verdadeiramente importante não é que Freud disse uma coisa, mas "Os dados são valiosos? São de valor? o que é que valem?" Pode-se dizer que um dado é tão valioso quanto tenha sido avaliado. Um dado pode ser provado na medida em que pode ser avaliado por outros dados, e a sua magnitude é estabelecida pela quantidade de outros dados que esclarece. Desse modo, o maior dado possível seria aquele que esclarecesse e identificasse toda sabedoria do Homem no universo material.

Infelizmente, no entanto, não existe coisa tal como um Dado Principal. Precisa existir não um dado, porém dois dados, visto um dado não ter utilidade, a menos que possa ser avaliado. Além disso, precisa haver um dado de magnitude similar com o qual avaliar qualquer dado apresentado.

Os dados são os seus dados contanto que os tenha avaliado. São os seus dados, por autoridade, ou são os seus dados. Se são os seus dados por autoridade, alguém lhos forçou e, na melhor das hipóteses, são pouco mais do que uma leve aberração. Obviamente que você se fez uma pergunta a um Homem que considerava competente e este lhe deu uma resposta, esse dado não foi forçado. No entanto, se você saiu de lá acreditando daí por diante que esse dado existia sem se dar ao cuidado de por si próprio investigar a resposta, sem a comparar com o universo conhecido, deixaria de completar o ciclo da aprendizagem.

Mecanicamente, a principal coisa errada com a mente é, com certeza, a turbulência existente dentro dela; mas a sobrecarga de informação nesta sociedade é a educação imposta que nunca foi permitido ao indivíduo testar. Literalmente, quando lhe é dito para não tomar a palavra de qualquer um como dado absoluto, está a ser convidado a quebrar um padrão do hábito a que foi forçado quando criança.

Teste-o você próprio e convença-se de que existe ou não como verdadeiro. E se verificar não existir, sentir-se-á confortável dali em diante; ao contrário, não reconhecido até mesmo por si próprio, está sujeito a encontrar, bem no fundo da sua informação e educação, uma questão não resolvida que irá minar, ela própria, a sua capacidade de assimilar ou praticar qualquer coisa na linha duma técnica. A sua mente não estará tão ágil no assunto como deveria estar.

Uma olhar sobe as Ciências

A razão pela qual a engenharia e a física alcançaram tanto a dianteira às outras ciências, é o facto de apresentarem problemas que punem o Homem tão violentamente, caso este olhar cuidadosamente para o universo físico.

Um engenheiro enfrenta o problema de perfurar um túnel através de uma montanha para uma ferrovia. São traçadas pistas para a montanha de ambos os lados. Se julgar errado o espaço, as duas entradas do túnel não se encontrarão no mesmo nível, no centro. Seria tão evidente para todos os envolvidos se o engenheiro se enganasse, que ele toma muito cuidado para não o fazer. Observa o universo físico, não apenas ao ponto de o túnel dever encontrar a outra entrada sem o desnível dum centímetro sequer, mas ao ponto de que, caso fizesse um julgamento errado do carácter da rocha a ser perfurada, o túnel iria desabar, um acidente que seria considerado uma ocorrência muito infeliz e desastrosa para a profissão ferroviária.

A biologia está mais perto de Ser Ciência do que algumas outras porque, no campo da biologia, se alguém comete um erro demasiado grande sobre um micróbio, o resultado imediato poderá ser dramático e aterrador. Supondo que um biólogo tem a responsabilidade de injetar plâncton num reservatório de água. Plânctones são "germes" microscópicos muito úteis ao Homem. Entretanto, devido a algum engano, o biólogo injeta germes tifóides no suprimento de água; haveria um resultado imediato e dramático.

Supondo que é apresentada a um biólogo a tarefa de produzir uma cultura de fermento (levedura) que, ao ser colocada na massa de pão branco, colorisse o pão de castanho. Este Homem estaria diante da necessidade de criar um fermento que, não só se comportasse como fermento, mas também produzisse um corante. Teria de lidar com o aspeto prático do problema, pois após anunciar seu sucesso, haveria "o teste do fermento": O pão é comestível? E o teste do pão castanho: O pão é castanho? Qualquer pessoa poderia fazer o teste facilmente, e todos saberiam com muita rapidez se sim ou não o biólogo tinha tido sucesso ou se tinha falhado.

A política é chamada de ciência. Existem leis naturais a respeito de política. Elas poderiam ser resolvidas se alguém aplicasse, de facto, uma base científica à pesquisa política.

Por exemplo, é uma conclusão precipitada dizer que, se todas as linhas de comunicação entre os Estados Unidos e a Rússia forem cortadas, a Rússia e os Estados irão entender-se cada vez menos. Então, demonstrando a todos como o modo de viver americano e o modo de viver russo são diferentes, e demonstrando isto dia após dia, ano após ano, não há alternativa a não ser diminuir a

afinidade. Declarando terminantemente que a Rússia e os Estados Unidos não estão minimamente de acordo sobre teoria política, a conduta do Homem ou das nações, a tarefa estará praticamente completa. Ambas as nações entrarão em tom de raiva e, subitamente, haverá guerra.

Os Estados Unidos são uma nação possuidora das maiores redes de comunicação à face da terra, com um potencial manufator para além da imaginação. Tem dentro das suas fronteiras os melhores homens de publicidade do mundo. Entretanto, em vez de vender ideias à Europa, dá-lhe metralhadoras, aviões e tanques para usar no caso da Rússia se manifestar. Quanto mais ameaças forem impostas contra um país no nível de tom da Rússia, mais perigoso aquele país se tornará. Quando se pergunta às pessoas o que fariam sobre esta grave questão, encolhem os ombros e dizem algo no sentido de que “os políticos é que sabem”. Não se comprometem e racionalizam dizendo que, afinal de contas, há o modo de vida americano que precisa ser protegido.

O que é o modo de viver americano? Esta é uma pergunta que irá parar quase qualquer americano. O que é que no modo de viver americano é diferente do modo de viver humano? Ele tentou reunir a liberdade económica para o indivíduo, a liberdade de imprensa e a liberdade individual, e define-as como modo de viver estritamente americano; por que não foi chamado Modo de Viver Humano?

No caso da humanística, a ciência tem estado completamente ao deus-dará. Foram seguidos princípios autoritários não questionados. Qualquer pessoa que aceita conhecimento sem questioná-lo e avaliá-lo por si próprio, demonstra apatia naquela esfera de conhecimento. Demonstra que, hoje em dia, o povo nos Estados Unidos deve estar num estado inferior de apatia em relação à política, a fim de aceitar, sem questionar, tudo que acontece.

Princípios fundamentais

Quando um Homem tenta erguer os planos duma vida ou duma profissão sobre dados que ele próprio nunca avaliou, não tem possibilidade de sucesso.

Os fundamentos são muito, muito importantes, mas primeiro de tudo é preciso aprender como pensar a fim de estar absolutamente certo dum fundamento. Aprender a pensar não é particularmente difícil. Consiste meramente em comparar um dado particular com o universo físico conforme conhecido e observado.

O autoritarismo é pouco mais do que uma forma de hipnotismo. A aprendizagem é forçada sob alguma forma de ameaça. Um estudante é entupido de dados que não foram avaliados individualmente, justamente como um empalhador encheria uma cobra. Tal estudante será bem informado e bem-educado, conforme os padrões atuais, porém, infelizmente, não será muito bem-sucedido na profissão escolhida.

Não cometa o erro de criticar algo na base de concordar ou não com as opiniões de outrem. O que é pertinente é concordar com a sua opinião. É conforme você pensa?

Quase todos fizeram alguma espécie de observação do universo material. Ninguém viu tudo que há sobre um organismo, por exemplo, mas certamente não há escassez de organismos disponíveis para um estudo adicional. Não há uma razão válida para aceitar a opinião do Professor Blotz da Universidade Blitz que disse em 1933 que os esquizofrénicos eram esquizofrénicos e que isso os fez esquizofrénicos o tempo todo.

Se você está interessado na manifestação da insanidade, há em quase toda a parte do mundo todas as formas de insanidade que se poderia esperar ver numa vida. Estude as peculiaridades das pessoas à sua volta e imagine como seriam se essas pequenas peculiaridades fossem aumentadas cem vezes. Poderá descobrir que enumerando todas as peculiaridades, teria uma lista completa das insanidades do mundo. A lista poderia muito bem ser muito mais exata do que a apresentada por Kraepelin⁵ e hoje em dia usada nos Estados Unidos.

Se sanidade é racionalidade e insanidade é irracionalidade, e se você postulou quão irracionais as pessoas seriam caso certas das suas obsessões fossem ampliadas cem vezes, poderá bem-estar na posse de uma lista bem mais exata e completa de insanidades e suas manifestações, do que a existente.

Por isso, o único conselho que posso dar ao estudante é estudar o próprio assunto e usá-lo exatamente conforme apresentado, formando a seguir suas próprias opiniões. Estudar com o propósito em mente de chegar às suas próprias conclusões quanto aos princípios assimilados serem ou não corretos e funcionais. Comparar o que aprendeu com o universo conhecido. Buscar as razões subjacentes à manifestação, e postular a maneira e a direção em que a manifestação irá provavelmente prosseguir. Não deixar a Autoridade de qualquer pessoa ou escola de pensamento criar uma conclusão antecipada dentro de sua esfera de conhecimento. Unicamente com estes princípios de educação em mente você poderá tornar-se um indivíduo verdadeiramente educado.

⁵ um psiquiatra alemão e é comumente citado como o criador da moderna psiquiatria e genética psiquiátrica. Kraepelin defendia que as doenças psiquiátricas são principalmente causadas por desordens genéticas e biológicas.

A MENTE HUMANA

É comum pensar na mente humana como algo que acabou de acontecer na última geração mais ou menos. A própria mente é de facto tão antiga como o organismo. E conforme hipóteses anteriores, e provas estabelecidas por esta nova ciência, o organismo, o corpo, é bastante antigo. Já vem do primeiro momento de aparecimento de Vida sobre a Terra.

Primeiro havia um universo físico, que aconteceu não sabemos como. Depois, com o arrefecimento dos planetas, apareceu nos mares uma partícula de matéria viva. Aquela partícula tornou-se por fim a célula complicada, mas ainda uma mono-célula microscópica. Então, à medida que as eras se sucederam, tornou-se matéria vegetal. Então tornou-se água-viva. E depois, tornou-se um molusco e fez sua transição para crustáceo. O Homem evoluiu para formas cada vez mais complexas, o tarso, a preguiça, o antropeide e finalmente o Homem. Houve muitas etapas intermediárias.

Um Homem muito materialista, vendo somente o universo material, torna-se confuso e vago a respeito disto tudo. Tenta dizer que os organismos vivos são única e simplesmente barro, uma parte inteiramente do universo material. Ele tenta dizer que, afinal de contas, é apenas o "curso interminável de protoplasma", de geração em geração, através do sexo, é que é importante. O Homem muito irrefletido é passível de cometer muitos erros, não só quanto à mente humana, mas também quanto ao corpo humano.

Descobrimos agora que a ciência da vida, como a física, é um estudo de estáticos e cinéticos; descobrimos que a vida em si, a parte viva da vida, não tem entidade comparável no universo físico. Não é simplesmente outra energia ou apenas um acidente. A vida é um estático que, no entanto, tem o poder de controlar, animar, mobilizar, organizar e destruir matéria, energia e espaço, e possivelmente até tempo.

A vida é uma CAUSA que age sobre o universo físico como EFEITO. Existe agora uma evidência avassaladora a apoiar isto. No universo físico não há qualquer verdadeiro estático. Foi descoberto que todo o estático aparente contém movimento. Entretanto o estático de Vida é evidentemente um estático verdadeiro.

Evidentemente que a Vida começou com CAUSA pura. Com o primeiro fotão, empenhou-se no manejo do movimento. E dali em diante, lidando sempre com movimento, acumulou a experiência e esforço contidos num corpo. A vida é um estático, o universo físico é movimento. O efeito da CAUSA sobre o movimento produziu a combinação que vemos como unidade de um organismo vivo. Pensamento não é movimento no espaço e tempo. O pensamento é um estático contendo uma imagem de movimento.

Desse modo podemos dizer que com sua primeira incidência sobre o movimento, começou o primeiro pensamento sobre universo físico. Este estático, sem volume, comprimento de onda, espaço ou tempo registra no entanto movimento e os seus efeitos no espaço e tempo.

Isto é obviamente uma analogia. É, porém, uma analogia peculiar por resolver amplamente os problemas da mente e da estrutura física.

Uma mente não é, então, um cérebro. Um cérebro e o sistema nervoso são simplesmente condutas para as vibrações do universo físico. O cérebro e os

troncos nervosos são muito semelhantes ao sistema de um painel de distribuição. E há um ponto do sistema onde as vibrações se transformam em registros.

Um organismo é motivado por uma CAUSA continuada, interminável, sem espaço e sem movimento. Esta causa espelha ou tira impressões de movimento. A estas impressões chamamos “memórias” ou, mais exatamente, fac-símiles.

Um fac-símile é uma palavra simples significando o retrato duma coisa, uma cópia duma coisa, e não a coisa em si. Daí que para evitar confusões e manter este ponto diante de nós, dizemos que as percepções do corpo são “armazenadas” como fac-símiles.

Visões, sons, gostos e todas as outras percepções do corpo são armazenadas como fac-símiles do momento em que a impressão foi recebida. A verdadeira energia da impressão não é armazenada. Não é armazenada, mesmo porque não há suficiente estrutura molecular no corpo para armazenar esta energia como tal. A energia do universo físico é, evidentemente, demasiadamente grosseira para esse armazenamento. Além disso, embora as células pereçam, as memórias continuam, evidentemente, a existir para sempre.

Um fac-símile dum dedo do pé ferido de ontem pode ser trazido de volta hoje com a força plena do impacto. Tudo o que ocorre à volta do corpo, esteja ele a dormir ou acordado, é registado como fac-símile, e armazenado.

Existem fac-símiles de toda e qualquer coisa que o corpo tenha de algum modo percebido, visto, ouvido, sentido, cheirado, provado, experimentado, desde o primeiro momento da existência. Existem fac-símiles de tédio, fac-símiles de morte súbita e rápido sucesso, fac-símiles de calma decadência e luta gradual.

Usualmente, memória significa a lembrança de dados de tempos recentes; por isso usamos a palavra “fac-símile”, pois enquanto que é o todo do qual a memória faz parte, a palavra “memória” não abrange tudo o que foi descoberto.

Deve-se ter uma ideia muito boa do que é um fac-símile. Um fac-símile é um registro dos movimentos e situações do universo físico, mais as conclusões da mente, baseadas em fac-símiles anteriores.

Nós vemos um cão perseguir um gato. Muito depois do cão e o gato se terem ido embora, podemos lembrar que um cão perseguiu um gato. Enquanto a ação estava a ter lugar, vimos a cena, ouvimos os sons, pudemos até sentir o cheiro do cão ou do gato. Ao observá-lo, o coração batia, o sal do sangue estava num determinado ponto, o próprio corpo tinha um certo peso e as próprias articulações uma posição, sentiu as próprias roupas, o contacto do ar com a pele, e todas estas coisas que também foram registradas por inteiro. O total disso tudo seria um fac-símile unitário.

Agora, alguém poderia recordar simplesmente o facto de ter visto um cão perseguir um gato. Isso seria recordar. Ou poderia concentrar-se e, caso estivesse em boa condição mental, ver novamente o cão e o gato, ouvi-los, sentir o ar na pele, a posição das articulações, o peso do vestuário. Poderia recobrar a experiência, parcial ou inteiramente. Quer dizer, poderia trazer parcial ou completamente à sua consciência a “memória”, o fac-símile unitário dum cão perseguindo um gato.

Não é preciso ser drogado, hipnotizado ou ter fé para fazer isto. As pessoas têm variações deste modo de relembrar e supõem que “todos o fazem”. Uma pessoa com boa memória é simplesmente alguém que pode recobrar facilmente

os seus fac-símiles. Uma criancinha, na escola, aprende, hoje em dia, por repetição. Isto não é necessário. Se tem boas notas, é usualmente porque simplesmente traz de volta “à mente” quer dizer, à sua consciência, o fac-símile da página do texto sobre a qual está a ser examinada.

À medida que atravessa a Vida, ela regista vinte e quatro horas por dia, a dormir e acordada, em dor, sob anestésico, feliz ou triste. Estes fac-símiles são usualmente registrados com todas as percepções, isto é, com todo canal sensorial. Na pessoa que tem falta dum canal sensorial, como na surdez, essa parte do fac-símile fica em falta.

Um fac-símile completo é uma espécie de retrato colorido tridimensional, com som e cheiro e todas as outras percepções, mais as conclusões ou especulações do indivíduo.

Uma vez, há muitos anos atrás, foi notando por um estudante da mente que as crianças tinham esta faculdade de ver e ouvir da memória o que tinham de facto visto e escutado. E foi notado que a capacidade não durava. Não foi feito qualquer estudo adicional do assunto e, na verdade, tão obscuros foram estes estudos, que eu não tive conhecimento deles durante os primeiros estágios do meu próprio trabalho.

Conhecemos agora grande quantidade de coisas sobre estes fac-símiles, por que não são facilmente recuperáveis pela maioria das pessoas quando crescidas, como mudam, como a imaginação pode começar a voltar a manufaturá-los, como na alucinação ou nos sonhos.

Em resumo, uma pessoa é tão aberrada quanto é incapaz de lidar com os seus fac-símiles. É tão sã quanto pode manejar os seus fac-símiles. É tão doente quanto é incapaz de manejar os seus fac-símiles. Está tão bem quanto os pode tratar.

A parte da ciência da Cientologia devotada à reabilitação da mente e do corpo lida com fenómenos relativos ao manejo desses fac-símiles.

Uma pessoa deve ser capaz de apanhar, inspecionar e pôr de lado, à vontade, qualquer dos seus fac-símiles. Não é uma meta desta nova ciência restaurar a recordação de percepção completa; a meta é reabilitar a capacidade duma pessoa para lidar com os seus fac-símiles.

Quando uma pessoa NÃO PODE manejar os seus fac-símiles, pode puxá-los para o tempo presente e achar-se incapaz de se livrar novamente deles.

O que é uma doença psicossomática? Pode ser demonstrado que é a dor contida numa experiência passada, ou a disfunção física duma experiência do passado. O fac-símile daquela experiência entra no tempo presente e fica com a pessoa até um choque o fazer cair novamente fora da vista, ou até receber “processamento” para escoá-lo, através desta nova ciência. Um choque ou necessidade permite-lhe, entretanto, regressar.

Desgosto, tristeza, preocupação, ansiedade e qualquer outra condição emocional são simplesmente um ou mais desses fac-símiles. Uma circunstância de morte, digamos, causa aflição. Então, temos um fac-símile contendo desgosto. Algo faz o indivíduo trazer esse fac-símile para o tempo presente. Ele não está ciente disso, não o está a inspecionar, mas apesar disso age contra ele. Desta maneira está a afligi-lo em tempo presente e ele não sabe porquê. A causa é o velho fac-símile. A prova que é a causa assenta no processamento de Cientologia. No instante em que o fac-símile é descarregado da sua emoção penosa, o indivíduo recupera. É o processamento numa das suas fases.

A mente humana é apenas uma fase da mente permanente. A primeira centelha de vida que começou a animar a matéria sobre a Terra iniciou a gravação fac-símiles. E continuou a gravar dali por diante. É interessante que todo o arquivo esteja disponível para qualquer mente. Em investigações prévias, encontrei ocasionalmente fac-símiles que não eram alucinações ou imaginação, os quais pareciam ir muito mais atrás do que a vida presente do indivíduo. Tendo, já então, recurso ao processamento de esforço (Um processo específico de Cien-tologia em que vários esforços básicos do indivíduo são trabalhados, por exemplo, o esforço para ver), foi possível "ligar" um fac-símile a todas as percepções à vontade, e assim examinar os períodos mais antigos. O esquema genético foi descoberto desse modo e fui surpreendido por terem sido postos a descoberto, acessíveis a qualquer investigador futuro, os fac-símiles da linha evolucionária. Muitos auditores têm desde então conseguido os mesmos resultados e, assim, o biólogo e o antropólogo, entram na posse de uma mina de dados fascinantes.

Existem aqueles que não sabem nada da mente e, no entanto, são amplamente pagos por isso, falando sagazmente sobre ilusão e delírio. Acontece que existirem leis exatas e precisas para o delírio. Um incidente segue certos moldes. Um incidente real é inteiramente inconfundível. Há um comportamento padrão num fac-símile duma experiência verdadeira. Ele comporta-se de uma certa maneira; o indivíduo obtém os esforços e percepções com clareza, e o conteúdo do incidente expande e permanece bastante constante em diversas recontagens. Um incidente imaginário contrai ordinariamente o conteúdo, e o indivíduo procura então manter seu interesse, enfeitando-o. Além disso, não contém esforços constantes. Os que não têm tempo para estabelecer a veracidade dos fac-símiles antes de se saber o que é "delírio", possivelmente são, elas mesmo, pessoas bastante delirantes.

A mente humana, como mente atual do Homem, não difere absolutamente da mais elementar das mentes, a mono célula, exceto na complexidade do acrescentada do cérebro. O ser humano está a usar fac-símiles para avaliar a experiência e tirar conclusões e planos futuros sobre como sobreviver da melhor maneira possível ou como morrer, e começar tudo de novo.

A mente humana é capaz de combinações de fac-símiles muito complexas. Além disso, pode originar fac-símiles com base em fac-símiles antigos. Nada sai errado com a mente, exceto das suas capacidades de lidar com fac-símiles. Ocasionalmente, uma mente torna-se incapaz de usar um fac-símile como experiência passada e começa a usá-lo em tempo presente, permanentemente, como desculpa para um fracasso. Assim temos a aberração e a doença psicossomática. Uma memória de dor contém dor e pode tornar-se dor no tempo presente. Uma memória de emoção contém emoção e pode tornar-se emoção no tempo presente.

OS REGISTOS DA MENTE SÃO PERMANENTES

O Homem, durante todos estes anos, formou juízos para o facto de que, quando um ser humano já não era capaz de controlar as suas próprias operações e funções, e desde que, novamente em controlo, não podia recordar o que tinha ocorrido, o material não era registrado. Isto era inteiramente injustificável como suposição.

Examinemos primeiro a dor. Tecnicamente, a dor é causada por um esforço contrário ao esforço do indivíduo como um todo.

O indivíduo é um aglomerado colonial de células. Cada célula procura viver. Cada célula e o organismo inteiro são motivados basicamente por um desejo de sobreviver.

A estrutura física é toda ela composta de átomos e moléculas, orgânicas e inorgânicas. Enquanto o indivíduo está vivo e consciente, estes átomos e moléculas estão num estado de tensão e alinhamento ótimo ou quase-ótimo.

Ao receber um esforço contrário, tal como uma pancada ou, internamente, como no caso de drogas, choque ou bactéria, a tensão ou alinhamento ótimos ou quase-ótimos desses átomos e moléculas, conforme contidos nos nervos, músculos, ossos e tecidos do corpo, desarrumam-se. O resultado é afrouxar ou apressar os movimentos do corpo físico de maneira a causar desalinhamento e tensão nos átomos e moléculas.

Isto é dor. Contra esforços à sobrevivência causam o aparecimento deste efeito. O nome técnico deste efeito é "casualidade" (desordem: a relação de movimento imprevisto com movimento previsto). As direcções do movimento das várias partes do corpo são desarrumadas em vetores ou padrões desordenados. Dor resulta invariavelmente em perda, perda de células ou perda de alinhamento geral.

Quando a dor se vai, ainda fica um registo. A gravação daquela dor pode ser chamada de volta à existência.

Se desejar fazer um teste muito simples, volte simplesmente à última vez em que se feriu. Obtenha percepções tão completas quando puder do objeto que o feriu e do ambiente circundante. Busque entrar em contacto novamente com o objeto doloroso. A menos que esteja seriamente ocluso (obstruído, ou memória não disponível para ser lembrada. Alguém que esteja ocluso tem má memória e dificuldade em lembrar o passado), você deveria ser capaz de sentir aquela dor uma vez mais. Se você próprio não pode fazer este teste por estar ocluso, peça aos amigos para tentarem. Mais cedo ou mais tarde encontrará alguém que pode recordar dor.

Outro teste: Belisque-se, depois volte ao momento em que fez isso e sinta o beliscão novamente. Mesmo que esteja ocluso, deveria ser capaz de fazer isto.

Em resumo, dor é armazenada na forma de registo. Porém não é só isso que é armazenado. A área inteira de qualquer desordem é armazenada por completo. Os átomos e moléculas voltam a arrumar-se, dentro do padrão que tinham no momento de receber a dor. Portanto, a dor pode voltar. Mas também o esforço e todas as suas percepções podem retornar quando volta a dor ou a desordem geral.

O desalinhamento causado por uma pancada, choque, drogas ou bactérias ocasiona uma incapacidade de funcionamento do centro de controlo da mente. Desse modo, o centro de controlo da mente pode ficar inconsciente, pode ser avassalado por este desalinhamento.

Após a recuperação da consciência nas ocasiões em que o centro de controlo da mente tenta relembrar o que aconteceu, ele pode apenas lembrar a desordem. Ele está a tentar lembrar uma ocasião em que não podia lembrar e, assim, retira um branco (vazio).

O Homem pensava que, se não podia lembrar uma coisa, então esta coisa não tinha sido gravada. É como a criancinha que esconde os olhos e, assim, pensa que você não a pode ver, só porque não ela o pode ver si.

Com cada área de desordem assim criada por lesão, doença, choque ou drogas, há também gravado o contra esforço em relação ao corpo. O esforço, incidido sobre o corpo com uma pancada ou outro fator deformador, foi também armazenado. Trata-se de força física. Quando ela volta sobre o corpo, volta como força física. Ele pode distorcer feições ou o corpo, por estar em constante "reestimulação".

A reestimulação é ocasionada por alguma parte do registo anterior se aproximar do presente. Isto evoca a antiga área desordem. O corpo, confuso, regista o antigo contra esforço.

Quase todo mundo tem estes contra esforços do passado, sendo alguns deles exercidos contra eles no presente. O seu subnível de consciência está sujeito a resistir velhos contra esforços, pancadas, doenças, drogas, que uma vez os afetaram e os conduziram à inconsciência.

No momento em que o indivíduo concentra inteiramente a sua atenção noutro lugar, estas velhas áreas podem exercer novamente a sua força.

Sinta a vivacidade ou completo senso de ser de cada um dos seguintes. Sinta-se inteiramente vivo apenas no membro mencionado do seu corpo:

- | | |
|-----------------------------|------------------------------|
| 1. O pé direito. | 7. Parte de trás do pescoço. |
| 2. O pé esquerdo | 8. O nariz |
| 3. A face direita. | 9. A mão direita |
| 4. A face esquerda | 10. A língua |
| 5. Os dedos dos pés. | 11. A mão esquerda |
| 6. Parte de trás da cabeça. | 12. O estômago |

Se percorreu estes membros, investindo cuidadosamente vivacidade apenas em cada um deles, provavelmente terá recebido vários incómodos e dores nas áreas onde a sua concentração não estava fixada, ou experimentado, pelo menos, tonturas. Tente isso diversas vezes.

O processamento limpa estas áreas antigas, com aumento resultante da saúde e sanidade.

COMUNICAÇÃO

Poder-se-ia dizer que se puséssemos uma pessoa em comunicação pô-la-íamos em bom estado. Esse fator não é novo na psicoterapia; porém a concentração nesse fator é nova, e a interpretação da capacidade como comunicação é inteiramente nova.

Se você estivesse em minuciosa e completa comunicação com um carro numa estrada, certamente não teria qualquer dificuldade em conduzir esse carro. Mas se estivesse apenas em comunicação parcial com o carro, mas não com a estrada, é certo que ocorreria um acidente. A maioria dos acidentes acontece de facto quando o motorista é distraído por uma discussão que teve, por uma retenção ou por uma cruz ao longo da estrada indicando onde foi morto algum motorista, ou pelos seus próprios temores em relação a acidentes.

Quando dizemos que alguém deveria estar em tempo presente, queremos dizer que deveria estar em comunicação com seu ambiente como existe, e não como existia. E quando falamos de Previsão, queremos dizer que deveria estar em comunicação com seu ambiente como existirá, assim como conforme existe.

Se a comunicação é tão importante, o que é a comunicação? É melhor expressa pela sua fórmula, que foi isolada, e cujo uso pode ocasionar um grande número de resultados interessantes em termos de mudanças de capacidade. (A Fórmula da Comunicação é: Causa, Distância, Efeito, com Intenção, Atenção, Duplicação e Compreensão).

Há duas espécies de comunicação ambas dependentes do ponto de vista assumido. Há comunicação efluente e comunicação afluenta. Uma pessoa falando a alguém, está a comunicar para aquela pessoa (confiamos), e a pessoa a quem se fala está a receber comunicação de quem fala. Agora, à medida que a conversação muda, verificamos que a pessoa a quem se falou está agora a falar, e está a falar à primeira pessoa, que agora recebe dela a comunicação.

Uma comunicação é o processo de alternância de efluência e afluenta comunicação, e logo aqui existe a singularidade que produz aberração e armadilha. Há aqui uma regra básica: Aquele que emite precisa também receber, e o que recebe precisa também emitir. Quando descobrimos que esta regra está em desequilíbrio numa das direções, encontramos dificuldades. Uma pessoa que apenas emite comunicação não está, na verdade, a comunicar no mais amplo sentido da palavra, pois a fim de comunicar inteiramente teria, tanto de receber como de emitir. Uma pessoa que unicamente recebe comunicação está igualmente em desequilíbrio, pois, precisa então de emitir.

Toda e qualquer objeção de alguém ao relacionamento social e humano encontra-se, basicamente, nesta regra de comunicação, quando ela é desobedecida. Alguém falando, caso não esteja num estado de ser compulsivo ou obsessivo, fica consternado quando não recebe respostas. Similarmente, alguém a quem se fala fica desalentado se não lhe é dada oportunidade de apresentar a sua resposta

Até o hipnotismo pode ser compreendido através desta regra de comunicação. O hipnotismo é um influxo contínuo sem uma oportunidade da parte do sujeito de efluir. Isto no hipnotismo é levado a tal grau, que o indivíduo, na verdade, entra logo ali, onde está sendo hipnotizado, numa armadilha, e permanecerá até certo ponto preso nela, naquele lugar, dali em diante.

Desse modo, podemos ir ao ponto de dizer que a chegada dum projétil é uma espécie de hipnotismo pesado. O indivíduo que recebe a bala não emite uma bala e, por isso, é ferido. Se pudesse efluir um projétil imediatamente após recebê-lo, poderíamos apresentar a interessante pergunta: "Ele seria ferido?" De acordo com a nossa regra, não seria. Na verdade, se estivesse em perfeita comunicação com seu ambiente, nem mesmo poderia receber uma bala de modo lesivo.

Um ciclo de comunicação incompleto gera o que poderia ser chamado de "Fome de Respostas". Um indivíduo esperando por um sinal de que sua comunicação foi recebida tende a aceitar qualquer afluxo. Quando um indivíduo consistentemente esperou muito tempo por respostas que não chegaram, qualquer espécie de resposta de qualquer lugar será puxada por ele e para ele, num esforço para remediar sua escassez de respostas.

Vimos uma raça inteira de filósofos desaparecer desde 1790. Vimos a filosofia tornar-se uma matéria muito insignificante, quando um dia foi um valor muito comum entre as pessoas. Os próprios filósofos se retiraram da comunicação com o povo, insistindo em usar palavras especiais que não podem ser logo assimiladas pelas pessoas em geral. A circulação da filosofia não pode ser duplicada por aqueles que têm vocabulários relativamente limitados. Tomemos palavras de quebrar o queixo como telecinesia (telecinesia, a produção de movimento à distância por meios externos à esfera dos sentidos). Embora possivelmente signifique algo muito interessante e vital, se refletir com cuidado, nenhum motorista de táxi lhe mencionou esta palavra enquanto pagava a sua corrida ou mesmo durante os momentos mais conversadores do trajeto. Provavelmente, a dificuldade básica com a filosofia foi a sua gramática ter-se tornado germânica, no exemplo dado por Immanuel Kant. E se quiser, relembre aquela maravilhosa história de Saki, em que uma vez um homem foi espezinhado até morrer ao tentar ensinar os verbos irregulares alemães a um elefante. A filosofia perdeu parte de sua responsabilidade pelo ciclo de comunicação ao tornar-se ininteligível por seus leitores. É da responsabilidade de quem comunica falar com um vocabulário que possa ser compreendido.

Agora, tomemos o indivíduo que se tornou muito "experiente" na vida, tem uma banda-do-tempo (o registro inteiro, completo, com todas as percepções, da existência do indivíduo no universo físico) que não é a banda-do-tempo de mais ninguém. As individualidades básicas entre os homens são baseadas no facto de lhes acontecerem coisas diferentes, e de observarem estas coisas diferentes de diferentes pontos de vista. Deste modo, temos individualização e temos opinião, consideração e experiência individuais.

Dois homens que vão pela rua abaixo testemunham um acidente. Cada um deles vê o acidente dum ponto de vista pelo menos ligeiramente diferente. Consultando doze testemunhas diferentes do mesmo acidente, teremos provavelmente doze acidentes diferentes. Completamente à parte do facto das testemunhas gostarem de contar o que pensam terem visto em vez do que viram, havia na verdade doze pontos diferentes a partir dos quais o acidente foi visto e, assim, doze aspetos diferentes da ocorrência. Se os doze fossem reunidos e postos a comunicar entre eles sobre este acidente, chegariam estão a um ponto de concordância sobre o que verdadeiramente aconteceu. Poderia não ter sido o acidente, mas certamente seria o acidente concordado que aí se tornaria o acidente real. É desta maneira que os júris se conduzem. Podem ou não sentenciar sobre o crime real, mas sentenciam certamente sobre o crime concordado.

Em qualquer guerra, leva dois ou três dias para haver o acordo suficiente para saber o que ocorreu numa batalha. Embora tenha que ter havido uma batalha real, uma sequência real de incidentes e ocorrências, o facto de cada homem na batalha a ter visto do seu próprio ponto de vista particular, pelo que estritamente queremos dizer "ponto de onde estava a olhar", em lugar de suas opiniões, ninguém viu a batalha na sua totalidade. Assim que tenha que ocorrer um intervalo de tempo a fim de ter lugar comunicação suficiente sobre o assunto da batalha para todos terem alguma forma de concordância sobre o ocorrido.

Com certeza que quando os historiadores chegam a esta batalha e começam a escrever diferentes relatos tirados da memória de generais que tentam explicar as suas derrotas, na verdade, obtemos uma descrição altamente destorcida. E, entretanto, isto torna-se a batalha concordada no que diz respeito à história. Lendo os historiadores, entende-se que nunca se saberá realmente o que teve lugar em Waterloo, Bennington, Maratona. Pelo facto de podermos considerar como comunicação um soldado atirar noutro soldado, vemos que estarmos a estudar as comunicações sobre a comunicação.

Agora, chegamos ao problema do que uma unidade de vida tem que estar disposta a experimentar a fim de comunicar. Em primeiro lugar, o ponto de causa inicial tem que estar disposto a ser duplicável. Tem que ser capaz de dar pelo menos alguma atenção ao ponto de receção. O primeiro ponto de receção tem que estar disposto a duplicar, a receber e a mudar para o ponto de origem, de modo a enviar de volta a comunicação ou uma resposta à mesma. E o primeiro ponto de origem, por sua vez, deve estar disposto a ser o ponto de receção.

Como estamos a lidar basicamente com ideias e não com mecânica, vemos então que tem que haver um estado de espírito entre o ponto de causa e o de efeito através da que cada um esteja disposto a ser Causa ou Efeito à vontade, disposto a duplicar à vontade, disposto a ser duplicável à vontade, disposto a mudar à vontade, disposto a experimentar distancia entre eles, e, em resumo, disposto a comunicar.

Quando obtemos estas condições num indivíduo ou grupo, temos pessoas sãs. Onde ocorre falta de disposição de enviar ou receber comunicação, através de as pessoas enviam comunicação obsessiva ou compulsiva sem direção ou sem tentar ser duplicáveis, quando os indivíduos ao receber comunicação permanecem silenciosos e não dão reconhecimento ou resposta, temos fatores aberrativos.

Um homem está tão morto quanto não puder comunicar. Está tão vivo quanto puder comunicar. Descobri, com incontáveis testes, a um ponto que poderia ser chamado conclusivo, que o único remédio para a condição de vida é uma maior comunicabilidade. É preciso aumentar a nossa capacidade de comunicar.

Durante muitíssimos anos fiz esta pergunta: "comunicar ou não comunicar?" Se nos metemos em tão completa dificuldade por comunicar, então, é claro, deveríamos parar de comunicar. Porém não é o caso. Se nos metemos em dificuldades por comunicar, deveremos comunicar mais. Mais comunicação em vez de menos é a resposta, e considero este quebra-cabeças resolvido, após um quarto de século de investigação e ponderação.